



ACADEMIA MILITAR  
DIRECÇÃO DE ENSINO  
CURSO DE INFANTARIA  
TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

A BATALHA DE CANAS E A OPERAÇÃO TEMPESTADE NO  
DESERTO – ANÁLISE E PERSPECTIVA HISTÓRICA

AUTOR: Aspirante Aluno de Infantaria Barrote Rodrigues

ORIENTADOR: Tenente-coronel de Artilharia Marquês de Sousa

Lisboa, Maio de 2008



# Índice Geral

Resumo .....	i
Abstract.....	i
Agradecimentos.....	ii
Agradecimentos.....	ii
Introdução.....	1
2. O Poder de Cartago .....	8
3. Batalha de Canas .....	11
3.1 Antecedentes .....	11
3.2. O aparecimento de Aníbal: De Sagunto a Canas.....	12
3.3. As Tácticas em Confronto .....	15
3.3.1. A Vitória do Génio .....	16
3.3.2. Os Princípios de Aníbal Barca .....	17
4. A Guerra do Golfo .....	20
4.1. A Disputa dos níveis de Produção de Petróleo .....	20
4.2. Os intervenientes.....	22
4.3. Operação Tempestade no Deserto.....	23
4.3.1. Táctica utilizada por Schwarzkopf.....	24
5. Os princípios de Aníbal em Tempestade do Deserto.....	27
5.1. Comparação ao nível da Táctica.....	27
5.1.1. Inspiração de Schwarzkopf em Aníbal.....	28
5.1.2. Análise Histórica .....	28
Considerações Finais .....	32
Bibliografia .....	35
Anexos .....	A

## Resumo

Este trabalho de investigação incide sobre uma comparação entre a batalha de Canas liderada por Aníbal Barca e a ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto, cuja liderança e planeamento são de Norman Schwarzkopf. Passando por uma contextualização histórica para enquadrar os dois objectos em estudo, na qual escrevo sobre o Império Romano e Cartaginês no século III a.C. e posteriormente inserir a potência Americana e o Iraque. Faço a comparação utilizando os princípios da Guerra e funções de combate presentes no Regulamento de Campanha e Operações 130, estabelecendo assim um ponto de ligação onde as duas batalhas se encontram. São duas épocas completamente diferentes, mas muito comuns em alguns aspectos.

## Abstract

This work of investigation is about a comparison between the Cannae battle commanded by Aníbal Barca and the ground offensive of Desert Storm operation, which leadership and planning are from Norman Schwarzkopf. Passing by a historic contextualization to enchain the two objects in study, where I write about the Roman and Carthaginian Empire in third century before Christ and after this, the American power and Iraq. I make the comparison using the war principles and combat functions present in the operations and campaign regulation 130, making a point of connection where the two battles encounter each other. It is two ages completely different from each other, but very common in some ways.

## Agradecimentos

A realização deste trabalho teve o apoio do Tenente Coronel Comando de Infantaria Almeida Luís, assim como do Tenente Coronel Marquês de Sousa de Artilharia, da Professora licenciada em História Virgínia Rodrigues e Doutora Catarina Rodrigues Licenciada em Medicina. A todos, muito obrigado pela colaboração.

## Índice de Figuras

Figuras	Páginas/Anexos
Figura 1	Anexo A
Figura 2	Anexo A
Figura 3	Anexo B
Figura 4	Anexo B
Figura 5	Anexo C
Figura 6	Anexo D
Figura 7	Anexo D
Figura 8	Anexo E
Figura 9	Anexo E
Figura 10	Anexo F
Figura 11	Anexo F
Figura 12	Anexo G
Figura 13	Anexo G
Figura 14	Anexo H
Figura 15	Anexo H
Figura 16	Anexo I
Figura 17	Anexo I
Figura 18	Anexo J
Figura 19	Anexo J
Figura 20	Anexo K
Figura 21	Anexo K
Figura 22	Anexo K
Figura 23	Anexo L
Figura 24	Anexo L
Figura 25	Anexo L
Figura 26	Anexo M
Figura 27	Anexo M
Figura 28	Anexo N
Figura 29	Anexo O

## Introdução

A actividade bélica acompanhou a humanidade ao longo da sua evolução, quer a nível tático, tecnológico, físico e anímico. Neste trabalho proponho-me a estabelecer uma análise e uma perspectiva histórica dessa evolução. Início na batalha de Canas e tento encontrar analogias e diferenças, com a ofensiva terrestre da Operação Tempestade no Deserto. Estes dois objectos em estudo, apesar de separados no tempo sugerem-nos inúmeras questões, levando-nos a um tema/assunto central: Serão os princípios de Aníbal Barca actuais? Este problema torna-se pertinente na medida em que é importante saber até que ponto as batalhas da antiguidade devem constar do plano de estudo das disciplinas de História Militar ou de Tática. Além disso, tenciono indagar de que forma é que o conhecimento dos princípios utilizados por Aníbal na batalha de Canas em 216 a.C. contribuíram para o sucesso da operação Tempestade no Deserto.

Séculos de distância entre os dois objectos em estudo marcam ou não, a relevância de estudar, uma batalha como a de Canas, tornando-a como um exemplo a seguir no planeamento de determinadas operações recentes, como foi a ofensiva terrestre liderada pelo General Norman Schwarzkopf. Escolhi este tema, pois além das razões já evidenciadas, também me pareceu interessante explorar o facto de num dos objectos em estudo termos um Império Romano em expansão, que luta pelo controlo do mar mediterrâneo<sup>1</sup>, e no outro, os Estados Unidos da América que de igual forma, após a guerra fria, acentuam a sua tentativa de hegemonia mundial.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, seguindo um encadeamento lógico que nos leva, por fim às conclusões onde se procuram encontrar respostas. No primeiro capítulo, faço uma contextualização histórica de forma pouco exaustiva dando relevância à organização política, económica e militar dos Romanos e Cartagineses, e de como estas duas potências entraram em conflito de interesses. Deste modo consigo extrapolar para o segundo capítulo as razões que levam aos antecedentes da batalha de Canas. No segundo capítulo descrevo o aparecimento da família Barca, mais concretamente Aníbal Barca e apresento-o como um homem de cultura, sagaz e visionário, que levou a cabo a invasão da península Itálica, provavelmente já idealizada por seu pai. Através de uma descrição detalhada, somos conduzidos à batalha propriamente dita, na qual enumero os princípios da guerra utilizados, os quais conduziram Aníbal a uma retumbante vitória.

---

<sup>1</sup> Denominado por Mare Nostrum.

Estudada toda a dinâmica envolvente da batalha de Canas, apresento o terceiro capítulo, onde contextualizo a primeira guerra do golfo em 1991. Finalizo com a descrição do sucesso do general norte-americano na ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto. O quarto capítulo estabelece uma análise e comparação entre os dois objectos em estudo, no que respeita à tática e às funções de combate encontradas, assim como as decisões dos líderes em questão.

## 1.0 Poder Romano

Enquanto os gregos inventaram a democracia, os romanos, depois de terem expulso os reis etruscos, estabeleceram uma organização política em que o poder pertencia ao povo, mas era exercido pelos seus representantes - a República. O governo estava confiado a magistrados eleitos por um ano: os Questores, responsáveis pelas finanças; os Edis, com atribuições mais diversas; os Pretores encarregados da justiça e no topo dois Cônsules.

No séc. VI a.C. para ser preciso, 509 a.C. Roma era considerada uma República caracterizada por uma diferença social acentuada de dois grupos, sendo eles os patrícios e os plebeus, isto é a nobreza e o povo. As famílias que nos primeiros anos do regime tinham acesso, ao consulado constituíram rapidamente uma casta, o “patriciado que pretendeu monopolizar o poder.

Os patrícios, estes sim a mais fina nobreza, detinham o completo domínio e primazia no sector social, político e económico, fazendo com que os plebeus vivessem sobre uma oligarquia<sup>2</sup> patricia. E é sobre a égide de um regime oligárquico que Roma viveu até ao fim da sua hegemonia<sup>3</sup>, caracterizada pela presença de um conselho, um senado e o povo agregado em assembleias e comícios. Aos poucos, os plebeus, classe constituída por elementos uns mais ricos do que outros – plebe rústica - fazendo por atingir uma igualdade política, e os verdadeiramente pobres - plebe urbana - os quais se limitavam na busca de protecção contra os excessos dos poderes estatais, foram ganhando direitos, através de sucessivas atitudes radicais, de destacar, a negação de servirem nas fileiras do exército em 494 a.C., deste modo foram conseguindo a pouco e pouco determinados direitos, tais como os seus próprios magistrados sem que estes fossem passivos de violação. Em 451 a.C. a criação da lei das doze tábuas constitui mais um enorme progresso da plebe, posto que foram gravadas em doze tábuas de bronze a reprodução fiel das disposições do antigo direito costumeiro. Em 300 a.C.<sup>4</sup> através da lei Ogúlnia<sup>5</sup>, todos os cargos públicos foram também facultados aos plebeus, e já em 312 a.C. Ápio Cláudio defensor da plebe, nomeadamente dos escravos alforriados, consegue adquirir um sector social, através das

---

<sup>2</sup>Governo político no qual o poder está na sua maioria nas mãos de um pequeno número de sujeitos, nomeadamente de famílias ricas no caso de Roma.

<sup>3</sup>No séc. I d.C. Octávio C. Augusto pôs fim às lutas sociais e à instabilidade política: concentrou os poderes e inaugurou uma nova forma de organização de estado – Império.

<sup>4</sup>Início das Guerras Púnicas.

<sup>5</sup>Lei trazida pelos irmãos Ogúlnii. Trata da partilha dos cargos religiosos mais importantes entre Plebeus e Patrícios.

inscrições de homens novos, filhos de libertados, no senado, marco importante uma vez que permitiu a afirmação da riqueza mobiliária, ou seja do comércio e artesanato. A guerra entre Roma e Cartago, não limitou o avanço dos direitos da plebe, sendo mesmo lhes concedido lotes no Picenum e no território conquistado aos Gauleses. No final do Séc. III a.C. Roma tem praticamente uma Constituição coligida, sem estar escrita, baseada no costume ancestral.

Os cidadãos, tinham o direito de possuir propriedades rurais e a contrair casamentos legítimos, ao voto e à elegibilidade nas magistraturas. Em contrapartida, tinham um imposto igual para todos com exceção daqueles inseridos no proletariado e estavam resignados de um serviço militar obrigatório. Como benefícios, gozavam do domínio religioso. Os comícios populares estavam organizados segundo três sistemas no qual o povo podia ser chamado e nos quais tinham direito ao voto. Os Cidadãos estavam agrupados em tribos, em cada qual com o direito ao comício elegendo magistrados cujas leis votadas não necessitavam de autorização do próprio senado.

Os magistrados eram responsáveis pela utilização do poder executivo, contudo para impedir que o mesmo homem se mantivesse à frente de tal responsabilidade tempo demais, foram tomadas medidas para tal. Existia uma certa desigualdade dentro desta casta, posto que havia os magistrados senhores do poder militar absoluto, e os magistrados "*curules*", sendo estes os pretores, os cônsules, censores e os ditadores. Contudo os magistrados podiam gozar de uma supremacia do Exército, conferindo-lhes a ousadia de convocarem comícios e o senado, sendo apenas travados pelo cidadão comum, que tinha o direito de recorrer ao povo em geral para ser julgado em matéria criminal, sendo pois então uma das limitações dos magistrados.

O senado era constituído por magistrados "*curules*", que presentemente não estariam a desempenhar nenhum cargo, perfaziam um total de trezentos membros constituindo uma assembleia. O senado superava a outra parte dos magistrados de poder militar absoluto. Os senadores eram os únicos com o cargo vitalício, impondo assim uma influência permanente e contínua, este privilégio fazia-os senhores do Estado. Estavam dotados da direcção da política externa, sendo apenas limitados pelo povo, cuja decisão de fazer a paz ou a guerra lhes pertencia.

Com as conquistas de Roma, a Itália tornou-se numa grande potência, pois esta tornava-se a passos largos o centro económico do mundo, apenas com Cartago a competir. Além dos despojos conquistados, dos prisioneiros escravizados também afluíam a Roma uma

grande quantidade de metais preciosos e cereais. Roma, em pleno século III a.C. tinha apenas Cartago pela frente para impedir o seu progresso.

Sob ponto de vista militar, Roma no séc. V a.C. já possuía uma larga experiência de guerra, pois havia 150 anos ao longo dos quais já combatiam. São eles que desenvolvem a mais perfeita táctica de infantaria da época, graças à tenacidade e também às qualidades militares da robusta raça dos camponeses do Lácio e à organização legionária, o armamento aperfeiçoou-se, sobretudo com os samnitas. No princípio, o ano começava em Março (de Marte, deus da guerra). E o mais importante das assembleias do povo, os comícios centúriais, era organizado sob o modelo das unidades tácticas da legião (centúrias). Cada lustro (5 anos) os magistrados - censores, procediam ao recenseamento de todos os cidadãos adultos. Eram obrigados a declarar os bens imobiliários (única possessão honrosa para um romano). Eram então, inscritos nos registos na classe correspondente à sua riqueza. Eram assim estabelecidas as categorias políticas e militares (cavaleiros, infantas da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> linhas) sob as quais estava fundada a ordem romana. Como resultado desta operação consagrada pelo tríplice de um touro, uma ovelha e um porco eram escolhidos os senadores e os que formavam a classe privilegiada dos cavaleiros, sendo excluídos os que tinham um comportamento considerado escandaloso. Aqueles que não possuíam quinhão de terra, não podiam servir no exército eram denominados proletários. Todos os cidadãos em idade de servir (17 aos 45 anos) deviam prestar juramento solene. Em seguida, eram recrutados entre eles os legionários, segundo o número fixado pelo senado. Cada um pagava o seu próprio armamento, segundo os seus meios, os mais ricos possuíam (couraça, grevas, e grande escudo), combatiam na 1<sup>a</sup> linha.

A elite do exército Romano era constituída até à data por duas legiões, contudo passaram para quatro, uma vez que eram vários os pontos de onde vinham as ameaças. Como consequência os números presentes em cada legião dividiram-se para metade de 4200 homens, sendo que apenas 1200 estavam ligeiramente armados. As tropas aliadas compensavam esta falha com um contingente igual ao romano e ainda o dobro de cavaleiros. Deste modo e como o adversário estava em constante mobilidade, foram divididas as legiões em pequenas unidades com a capacidade de agirem independentemente. Eram denominados de "*manípulos*". Perfaziam um total de trinta, por cada legião, em cada qual com duas "*centúrias*", o clarim e o próprio estandarte. Cada "*manípulo*" tinha 60 homens. Em campo de batalha estavam dispostos em xadrez, e precisamente por serem unidades independentes conferia-lhes uma certa liberdade de acção, sendo que o espaçamento entre "*manípulos*", era a principal diferença que residia da

falange grega. A primeira linha de dez manípulos composta por “*hastati*”<sup>6</sup> empenhando lanças, logo atrás os audazes “*principes*”<sup>7</sup> e em terceira fila os “*triarii*”<sup>8</sup>, veteranos de guerra que eram considerados a arma principal de todo o exército romano, pois aproveitavam-se do facto do inimigo os abordar cansados após combate com a primeira e segunda fileiras, além disso estavam equipados com as modificações originárias da era do metal, sendo uma das inovações o “*pilum*”<sup>9</sup> e a espada recurvada<sup>10</sup>. As áreas de bivaque romanas eram dispostas em quadrado atravessadas por duas avenidas cruzadas ao meio. À volta deste quadrado os romanos acrescentavam um fosso e posteriormente uma muralha de terra à qual lhe adicionavam uma paliçada “*Valum*”, constituindo assim a segurança do acampamento.

No século III a.C., e esta sim a data que é extremamente relevante detalhar, o exército romano mantinha ainda a sua tática, e preenchia as fileiras através de soldados – cidadãos, os quais se integravam da seguinte forma: Os proletários eram destinados à infantaria ligeira, denominados de “*vélites*”<sup>11</sup>, os camponeses à infantaria pesada e por fim os ricos com a arma considerada mais nobre na época, a cavalaria. Uma legião era assim constituída por 4200 soldados de Infantaria e mais 300 de cavalaria. Os 4200 Infantes estavam subdivididos em 1200 “*vélites*” e 3000 soldados de infantaria pesada segundo as três linhas já anteriormente conhecidas, sendo elas dispostas por esta ordem, 1200 “*hastati*”, 1200 “*principes*” e 600 “*triarii*”. Estas três linhas estavam cada uma dividida em dez “*manípulos*” de duas centúrias cada, exactamente como no século V a.C. e IV a.C. Por fim, a rica cavalaria estava disposta em dez turmas de três decúrias.

---

<sup>6</sup>Os “*Hastati*” faziam parte da infantaria pesada, e estavam na primeira fileira. Eram normalmente cidadãos novos, inexperientes e saudáveis. Usavam o escudo clássico legionário “*scutum*”, um fato defensivo em todo o corpo, e um capacete de bronze, incluindo o “*pilum*” e a “*gladius*”. Vidé Anexo A Figura 1 e Figura 2.

<sup>7</sup>Os “*Principes*” eram a elite da legião Republicana, tinham o melhor equipamento, assim como os “*triarii*”, eram seleccionados conforme as suas aptidões em combate. Faziam igualmente parte da infantaria pesada.

<sup>8</sup>Os “*Triarii*” tinham o mesmo equipamento que os “*Principes*” e “*Hastati*”, no entanto só eram lançados em combate, quando a situação era crítica, o que significava que se estava a atingir o ponto de culminação do exército romano no calor da batalha. Além disto os “*Triarii*” assemelhavam-se mais aos “*Hoplitas*” gregos do que à infantaria Pesada Romana. Vidé Anexo B Figura 3.

<sup>9</sup>Arma do exército Romano com duas funções simultâneas, um dardo e uma lança. Vidé Anexo B Figura 4.

<sup>10</sup>“*Gladius*” Arma do exército Romano que permitia desferir um golpe ao acaso, constituída por dois gumes e uma ponta de aço temperado.

<sup>11</sup>Os “*Vélites*” pertenciam à infantaria Ligeira Romana, eram integrados nos “*manípulos*” na primeira fileira, junto dos “*Hastati*”, tinham grande mobilidade devido ao seu armamento ligeiro, e eram os únicos que conseguiam fazer frente aos elefantes, eram ultrapassados pelos “*Hastati*”, assim que lançavam os seus dardos contra a tropa inimiga. A infantaria pesada Romana era composta pelos “*Hastati*”, “*Principes*” e “*Triarii*”.

Todo o espólio capturado revertia a favor dos soldados, os louvores dados em público aos mais valentes e bravos, eram a fonte de motivação do exército romano. Contudo este exército carecia de defeitos, havia demasiadas rivalidades no seio, entre os chefes militares, todos eles ambicionavam o poder, e isso tornou-se numa constante ameaça de guerras civis. Para eliminar este defeito, criou-se um outro erro, os chefes militares de mais alta hierarquia eram nomeados para as funções militares apenas por um ano, ora isso não lhes permitia estarem a par das táticas mais modernas utilizadas na época, e o mais importante, não lhes concedia experiência de combate.

## 2. O Poder de Cartago

Segundo diversos autores, a fundação da cidade de Cartago pelos Tírios data de 814 a.C. o seu verdadeiro nome “*Kart- Hadtha*”<sup>12</sup>, significa “Cidade Nova” situada no norte de África no lugar onde hoje se chama Tunes. Ainda mais antiga do que Roma, Cartago foi uma cidade igualmente governada como Roma no Séc III a.C. por um regime Oligárquico, constituído por um senado, no qual estavam incluídos um conselho de vinte e oito membros e o General – chefe, dois “*sufetas*”<sup>13</sup> e alguns magistrados anuais. Contudo este senado estava sobre a autoridade ditatorial de comités constituídos por cinco membros, denominados de “*pentarcas*”, e um tribunal de cerca de cem membros, cuja missão era estabelecer a vigilância geral. Umas das mais prestigiadas famílias à frente desta autoridade eram os “*Magónidas*” e os “*Hanónidas*”. No final da pirâmide deste regime oligárquico encontrava-se a assembleia do povo, que no caso de Cartago se limitava a aceitar as decisões do senado. O Povo Cartaginês não estava vocacionado para fazer a guerra, uma vez que a sua população original não era suficiente, além disso se os empenhasse ficaria com a sua economia comerciante praticamente nula, ainda assim a população desconfiou enumeras vezes das decisões dos seus chefes militares. Alguns autores afirmam que Cartago teria por volta de trezentos mil habitantes, contudo Políbio e Estrabão chegam a exagerar estes números para os setecentos mil<sup>14</sup>.

A economia era o grande poder de Cartago, e desta afluíram outros grandes poderes, no entanto parece-me pertinente descrever os feitos deste povo mercantil, uma vez que nos leva a todos os outros. Era uma cidade com um porto marítimo, na qual as suas duas docas eram a base de quase todas as exportações e importações, a doca exterior com um cais para os navios mercantes, estava condicionada apenas ao comércio. Já a doca interior essa comportava cerca de duzentos e vinte navios de guerra e tinha inúmeros cais e estaleiros. A Cidade estava bem protegida, rodeada por uma muralha fortificada, no seu interior albergava o porto, o mercado central e as casas. As próprias habitações serviam concomitantemente de alojamentos e armazéns comerciais. A economia Cartaginesa desenvolveu-se no norte das terras africanas, nomeadamente em “*Leptis*”, “*Utica*” e “*Tapsos*”, estabelecendo aí as suas colónias, levando consigo uma agricultura tecnicamente muito avançada, resultante do tratado económico de “*Magão*”, produzindo por conseguinte

---

<sup>12</sup>Vidé Anexo C Figura 5.

<sup>13</sup>Denominados de Reis pelos textos gregos e latinos, no entanto denominados de juizes em Lévêque, Pierre (1979). *História Universal* 3, p.82 l.6, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

<sup>14</sup>Diakov, V. (1976). *História da Antiguidade*, p.97 l.26, Editorial Estampa, Lisboa.

vinhas e oliveiras. Mas aquela porção de terreno não era suficiente para Cartago se desenvolver, iniciou um movimento de expansão e colonizou a actual Marrocos, a Sicília ocidental<sup>15</sup>, mais concretamente “*Panorma*”, “*Drépano*” e “*Lilibea*”, a Sardenha, Córsega, as Baleares, e o sul de Espanha. Estava estabelecida a hegemonia comercial de Cartago no Mediterrâneo Ocidental.

Cerâmica, vidro, estanho, prata, cobre, ouro, marfim, joalheria, salgas, plumas, ovos de avestruz e essencialmente escravos eram os principais produtos que importava através dos navios mercantis. Cartago sempre colocou o comércio à frente de todas as suas prioridades, e isso torna-se visível, ao nível da política externa, verificando-se através da assinatura de vários tratados com Roma, e posterior projecção de uma quantidade poderosa de navios, que asseguravam determinados pontos que eram considerados vitais para o comércio, como os locais ricos em matérias-primas, apoiando-se assim das antigas colónias fenícias para controlar o mediterrâneo. Eram devotos aos deuses “*Baal-Hammon*” e “*Tanit*”<sup>16</sup>. Cartago era a única cidade da época na qual ainda se mantinha a tradição de sacrifícios humanos, estes eram intensificados quando a cidade se sentia em perigo. Um Estado primitivo ainda a este nível, o que lhe trouxe a sua maior fraqueza, pois a instabilidade social era permanente, e Cartago esqueceu-se que era forjada à base de escravos.

Foi a família Barca, cujos descendentes Amílcar Barca e o filho Aníbal Barca começaram a exercer um domínio militar, quando se aperceberam, que tal era essencial pois os seus interesses colidiram com os de Roma, apesar de durante dois séculos terem vivido em completa harmonia para assegurar a sua expansão comercial, chegaram com a família dos Barcas, particularmente com Amílcar Barca, pai de Aníbal Barca. O poder de Cartago no século III a.C. provinha de uma economia excepcional e sem rival, e uma força militar de número elevado. O exército desta potência<sup>17</sup> era constituído por mercenários recrutados aos povos colonizados, as Baleares cediam besteiros, e os Númidas, a sua cavalaria bem treinada. Os seus contingentes eram chefiados por elementos da própria estirpe, no entanto a soma dos contingentes era liderada pelos generais cartagineses dotados de imensa experiência, onde a família Barca se destacou, sendo que tais generais eram escolhidos pelo povo e aprovados pelo senado. Era uma das principais vantagens em relação ao exército Romano, a experiência que este não tinha nos seus chefes-militares e Cartago sim.

---

<sup>15</sup>O controlo desta ilha foi determinante no decorrer das guerras púnicas pois a Sicília era o “celeiro” do mundo antigo, por outro lado o estreito de Messina não era protecção suficiente para Roma.

<sup>16</sup>Deuses provenientes da cultura divina grega, identificados com Cronos e Hera.

<sup>17</sup> Vidé Anexo D Figura 6.

Os Barcas eram uma das famílias mais antigas, e todos eles dedicados à vida militar, por isso escolher um líder como Amílcar e seu filho Aníbal não foi difícil, sendo então escolhidos por unanimidade. Os Cartagineses já possuíam Artilharia e engenhos de bloqueio aliados aos muitos elefantes de guerra. A frota marítima militar era o ponto mais forte do seu poder militar. No entanto um dos problemas residia na falta de escravos, é por isso que este império em expansão ganhou a alcunha de “Caçadores de Homens”, pois não tinha um modelo de serviço militar por mobilização como Roma possuía.

### 3. Batalha de Canas

#### 3.1 Antecedentes

Os interesses de Cartago e Roma colidiram na Sicília. Para os cartagineses as terras africanas não chegavam para cumprir os seus objectivos, uma vez que não conferiam a riqueza necessária, que já tinham provado em terras ocidentais, daí o comércio externo ser impreterivelmente uma fonte de poder para o desenvolvimento da potência. Por outro lado Roma, não considerava as fronteiras itálicas, as suficientes para a sua protecção, e considerava a Sicília um importante ponto de controlo, uma vez que o estreito de Messina não lhes era satisfatório, além disso o espaço não era suficiente para se criar um estado tampão grego, que dividisse as duas potências em expansão. O Calcanhar italiano estava assim dividido sobre estas duas influências, e em 264 a.C. as duas facções entraram naquela que é considerada a primeira guerra púnica. Foram vinte e três anos de intensa guerra, sem que houvesse uma única interrupção às hostilidades, na qual se destacam os confrontos em que Roma foi obrigada a mobilizar homens para o mar, fazendo crescer as suas frotas, para fazer face às já experientes forças navais cartaginesas, e foi pela força do número que os Romanos fizeram Cartago capitular nas ilhas “Egátes”, os prejuízos e os estragos foram tantos que Cartago ficou deveras debilitado, acrescentando ainda os 3200 “talentos”<sup>18</sup> que tinha de pagar em dez anos. Contudo Amílcar Barca conseguiu defender a cidade Comercial, infligindo uma enorme quantidade de baixas, que ainda hoje se defende a expedição Romana em terras africanas, como sendo um autêntico fracasso. A Sicília ficou deste modo sobre a alçada de Roma, e estava assim conferida a protecção desejada, assim como a possibilidade de haver um novo rei dos mares<sup>19</sup>.

Em 227 a. C Roma aproveitou-se dos desentendimentos e revoltas no seio de Cartago, causados pelos mercenários, e constituiu a Sardenha e a Córsega como suas províncias. Novamente Cartago perdia terreno para a sua rival. Carecido de riquezas provenientes destas terras<sup>20</sup>, os púnicos lançaram uma expedição na Península Ibérica, ocupando as colónias fenícias para tentar tirar aproveitamento destas, e não demorou muito tempo para que Cartago voltasse a crescer, ao ponto dos Romanos recearem um ataque vindo de

---

<sup>18</sup>Era a unidade monetária que Roma utilizava na época, adoptada aos Gregos. Um talento equivalia a 100 dracmas. Uma dracma correspondia entre 4,5 a 6 gramas de ouro ou prata, sendo assim, um talento significava entre 27 a 36 quilogramas de metal. Sabe-se que equivale a milhões de euros na actualidade. Vidé Anexo D Figura 7.

<sup>19</sup>A primeira guerra púnica deu a Roma a supremacia do mediterrâneo ocidental denominado “Mare Nostrum”.

<sup>20</sup>De referenciar as minas de prata presentes no sul da Península, perto de Cartagena. Vidé anexo E Figura 8.

Norte. Por esta altura já Amílcar tinha morrido deixando o comando ao seu genro Asdrúbal<sup>21</sup>. É então que surge um tratado entre Roma e Cartago, no qual Cartago não deveria estender o seu domínio para cima do rio Ebro<sup>22</sup>, contudo este tratado estava incompleto, pois as duas potências haviam-se esquecido da presença Grega. E com aquele tratado, o rio Ebro dividia os gregos de Espanha em duas zonas de influência. Além disto, no tratado não chegou a ser escrito que Roma não poderia passar do Rio Ebro para baixo. Com a morte por assassinato de Asdrúbal, Roma aproveitou para tomar Sagunto<sup>23</sup>, sobre a sua protecção. E é aqui que começa a história de Aníbal.

### 3.2. O aparecimento de Aníbal: De Sagunto a Canas

A segunda guerra púnica é toda ela com Aníbal no papel principal, alguns autores chegam mesmo a dizer, que se tratou de uma questão pessoal<sup>24</sup>, entre o general Cartaginês e Roma<sup>25</sup>. Contudo numa visão menos pessoal, e tomando em conta a história, parece-me plausível dizer que Cartago via no Ebro um obstáculo limitador à sua expansão, Aníbal desobedeceu ao tratado, e Roma não poderia permitir o avanço dos púnicos, pois recebiam uma nova ameaça igual à da primeira guerra púnica. Contudo Sagunto tornou-se no catalisador específico do início da 2ª guerra púnica, Aníbal tinha vinte e um anos de idade<sup>26</sup> quando foi nomeado por seu irmão Asdrúbal, comandante da Cavalaria e em 218 a.C., cerca Sagunto durante oito meses, acabando por conquistar a cidade. Sagunto era importante para Aníbal<sup>27</sup>, pois não havia outra maneira dos púnicos dominarem a península Ibérica sem ser conquistando a cidade, sendo que dela se exercia uma enorme influencia sobre toda a Espanha. A importância geopolítica da cidade residia na sua capacidade de exercer domínio sobre toda a costa Este. Além deste facto importante, Sagunto era rica em combatentes experientes, azeite e gado. Portanto o ponto de partida para a grande campanha de Aníbal começava ali mesmo.

---

<sup>21</sup> Há dois Asdrúbal, o genro de Amílcar e seu filho, irmão de Aníbal. Vidé Anexo E Figura 9.

<sup>22</sup> Há autores que defendem que o tratado se baseou não no Rio Ebro, mas sim no Sucro (Júcar).

<sup>23</sup> Situada a sul do Rio Ebro. Vidé Anexo F Figuras 9 e 10.

<sup>24</sup> Pijoan, José (1973). *História do Mundo Volume 3*, Publicações Europa – América, Lisboa. P.58.

<sup>25</sup> Razão pela qual alguns autores defendem esta guerra, como sendo a “guerra de Aníbal”. Vidé Anexo G Figura 11.

<sup>26</sup> Há autores que discordam desta idade, afirmando ter sido aos 25 anos a sua nomeação. Diakov.V (1976). *História da Antiguidade – Roma*, editorial estampa, Lisboa. P.107 l.32.

<sup>27</sup> Amílcar Barca fez jurar os seus filhos a terem um ódio para toda a vida em Roma. Diakov.V (1976). *História da Antiguidade – Roma*, editorial estampa, Lisboa. P.107 ls.34-35.

Amílcar Barca tinha planeado invadir Roma por Terra, numa enorme jornada, atravessando os Alpes percorrendo a costa norte do mediterrâneo até chegar a Roma, mas foi Aníbal que deu vida ao plano<sup>28</sup>. E após a tomada de Sagunto reúne consigo cinquenta mil infantas, nove mil cavaleiros e trinta e sete elefantes<sup>29</sup> e parte em direcção a Itália atravessando os Alpes<sup>30</sup>. É sabido que Aníbal chegou às planícies do Pó em Outubro de 218 a.C. com o seu exército reduzido a metade, devido às adversidades encontradas pelo caminho. Entre esta primeira fase, Aníbal teve árduos encontros com o exército Romano, dos quais saiu sempre vitorioso, nomeadamente em Tecino<sup>31</sup>, e junto ao rio Trébia. Como consequência Roma ficou em alvoroço, e a luta entre partidos intensificou-se, acusando o senado de não ter feito nada para proteger os interesses do povo até aquela data, permitindo que o leão de Cartago se aproximasse. Deste modo promoveram Flamínio a cônsul, e imediatamente deram-lhe o comando do Exército Romano, destacando-o para Aretium<sup>32</sup>, para bloquear os acessos a Roma.

Entretanto Aníbal que se situava na Ligúria, a norte de Roma não queria combater nos Apeninos, o caminho era mais longo, por montanha, e sabia ser favorável ao cônsul. Foi então que durante quatro dias, fez um caminho pelo qual os Romanos nunca o esperariam, ao longo dos pântanos da Toscana até então considerados inexpugnáveis por um exército. O preço pago por Aníbal foi elevado para as suas tropas que foram parecendo pelo caminho, o seu último elemento de reconhecimento morreu mas os frutos que tal atrevimento deu, foram maiores. Os púnicos contornaram o flanco esquerdo das tropas de Flamínio, e ficaram na sua retaguarda, encurralando-os entre o lago Trasimeno e as montanhas que se dispunham à volta, condenando assim todo o exército Romano à morte. Roma ficou em pânico e nomeou Fábio o novo ditador, contudo Fábio cedo se tornou um incapaz de resolver os problemas do povo, que até lhe deram a alcunha de “*Cunctator*”<sup>33</sup>. Entretanto Aníbal libertava os povos à volta de Roma do seu domínio, perdendo assim a primeira oportunidade de marchar para a cidade.

---

<sup>28</sup> Vidé Anexo G Figura 12.

<sup>29</sup> Dodge, Theodore (2002). *Grandes Generais*, Prefácio, Lisboa, p.43 ls.27-28. Nota: Há autores que defendem números diferentes “contando 90000 peões líbios e iberos, 12000 cavaleiros e um grande número de elefantes.” Diakov.V (1976). *História da Antiguidade – Roma*, editorial estampa, Lisboa. P.108 ls.23-24. Nota: Os elefantes eram os olhos de Aníbal, o Reconhecimento.

<sup>30</sup> Vidé Anexo H Figuras 13 e 14.

<sup>31</sup> Norte de Itália em território gaulês submetido a Roma, a norte das planícies do Pó.

<sup>32</sup> Hoje em dia é a cidade de Arezzo

<sup>33</sup> Contemporizador em latim. Assim chamado, face à sua falta de acção de comando pertinente, limitando-se a seguir os movimentos de Aníbal.

Roma elegeu dois cônsules, Emílio Paulo vindo do senado, e Terêncio Varrão líder do partido popular. Estes dois tiveram um papel activo, foram imediatamente nomeados pelo senado para enfrentar Aníbal numa batalha decisiva, uma vez que o Senado já não podia fazer face às exigências do povo Romano. Contudo os cônsules não chegaram a entrar em acordo, e isso reflectiu-se na posição desvantajosa para os Romanos, quando se deu a batalha, em Agosto de 216 a.C. a batalha dá-se junto ao Vale Anfido, mais precisamente ao lado do rio Aufidius.

Antes de passar à descrição da Batalha de Canas parece-me pertinente fazer o retrato psicológico de Aníbal, sabia apreciar o verdadeiro valor dos seus aliados e dos seus inimigos e era tão bom político como general. Convém acrescentar que Aníbal teve uma educação esmerada para a vida das armas e o seu grande amigo e confidente, Sósielo de Esparta, ensinara-o a escrever grego, sem contar que o general sabia diversas línguas bárbaras. A guerra do Aníbal contra Roma durou dezoito anos; se fracassou, não foi por erros tácticos, mas sim porque subestimou demasiado o descontentamento que havia em Itália, nunca imaginou que Roma se reunificasse<sup>34</sup>, ainda segundo as palavras do Romano Tito Lívio, *“Diante do perigo, Aníbal demonstrava o maior arrojo e, para o vencer, a maior prudência. Nem o seu corpo nem o seu espírito pareciam ressentir-se das fadigas; resistia, sem nunca se deixar abater, ao calor e ao frio. Só comia e bebia para manter o corpo. Podia dormir ou conservar-se acordado a qualquer hora; descansava quando tinha um momento livre, mas sem necessidade de cama nem de quietação à sua volta. Os seus soldados viam-no amiúde dormir no chão, envolto no capote, perto das sentinelas e nos postos avançados. Não usava vestuário especial. Só se distinguia pelos seus formosos cavalos e pelas armas excelentes. Era o primeiro cavaleiro do exército e também o melhor infante, o primeiro no ataque e o último na retirada.”*<sup>35</sup> Tal comentário e servindo-me de base na documentação recolhida vejo que Aníbal cultivava os valores da Camaradagem, coragem física e moral, assim como um perfeito assimilador das tácticas modernas da época.

Acho pertinente referir o facto de após a derrota Romana em Trébia em Dezembro de 218 a.C., o senado ter enviado os exércitos dos cônsules Tibério Semprônio e Cornélio Cipião para Sagunto, cortando assim a via logística de Aníbal com Cartago, o que mais tarde se veio a verificar no isolamento de Aníbal em terras italianas.

---

<sup>34</sup> *História universal Volume IV*, Edições Salvat, Lisboa, p.142.

<sup>35</sup> Pijoan, José (1973). *História do Mundo – volume 3*, publicações Europa – América, Lisboa. pp.63-64.

### 3.3. As Táticas em Confronto

O cenário da batalha de Canas desenrolou-se num terreno plano tendo apenas como obstáculo natural, o rio Aufidius<sup>36</sup>. O excesso de confiança, a falta de experiência e arrogância de Varrão levou-o a subestimar o local escolhido e a estratégia inimiga. O exército Romano era constituído por oito legiões mais oito aliadas<sup>37</sup>, perfazendo um total de dezasseis legiões<sup>38</sup>, cerca de oitenta mil homens de Infantaria e seis mil homens de Cavalaria, liderados por dois cônsules, Terêncio Varrão e Emílio Paulo.

O exército de Aníbal era muito heterogéneo, uma miscelânea de raças e etnias, e contava por metade dos homens do exército Romano. Eram cerca de quarenta mil infantes: Líbios; mercenários de Cartago; Iberos e os gauleses recentemente libertos do jugo romano. A cavalaria era superior à dos romanos, perfazendo um total de dez mil homens. Dois mil Númidas e oito mil mouros. Há autores que defendem que Aníbal<sup>39</sup> pôs em prática a última inovação da arte da guerra macedónia, isto porque toda a tática Cartaginesa era adoptada daqueles - disposição em falanges e em circuito fechado – muito diferente da tática romana. Segundo Sosilo, o historiador Grego mais conceituado de Aníbal, defende a teoria que aquele tinha informações preciosas sobre o exército Romano, o mesmo não acontecendo com aqueles. O general Cartaginês estava ciente do dispositivo e da tática utilizada pelos Romanos na época, e sobretudo, estava consciente do erro sistemático Romano, em acreditarem que as guerras se ganhavam através da superioridade numérica. Por conseguinte, estavam presentes dois modos de dispor as forças no terreno completamente diferentes, por um lado Roma baseada na unidade básica - a Legião – e por outro, Cartago assente num esquema de batalha de falange<sup>40</sup>.

Aníbal colocou o grosso do seu potencial de Combate nos flancos. Asdrúbal e Maharbal comandavam as mais experientes e treinadas tropas de elite, ficando apenas com uma linha

---

<sup>36</sup> Actualmente denominado de Ofanto. Vidé Anexo I Figuras 15 e 16.

<sup>37</sup> Goldsworthy, Adrian (2003). *The Complete Roman Army*, Thames & Hudson, London. pp.40-41.

<sup>38</sup> Sá, Jorge (1997). *Os Senhores da Guerra*, Bertrand Editora, Venda Nova. p.18 ls.5-7.

<sup>39</sup> Jones, Archer (1997). *The Art of War in The Western World*, Barnes e Noble books, New York. p.29 l.31

<sup>40</sup> Vidé Anexo J Figura 16.

a assegurar o centro do dispositivo. Isto acontecia porque, não só, era a tática adoptada que assim o dizia, mas também porque era onde estavam colocados os homens com armamento ligeiro, e os aliados Iberos e Gauleses. Atrás de toda esta linha principal estavam colocados nos flancos a Infantaria Numídia, transportando as armas adquiridas aos romanos, nos confrontos anteriores. Um aspecto importante de referir, é que Aníbal tinha a sua Cavalaria pesada numa primeira fase, junto à margem do rio Aufidius, para fazer face à cavalaria Romana. A cavalaria númida ligeira, no flanco direito, tinha a ordem de fixar a Cavalaria Romana também diante de si.

### 3.3.1. A Vitória do Génio

Existem diversas teorias acerca do local preciso da batalha, muitas delas divergem totalmente umas das outras, isto porque há autores que dizem que Aníbal tinha o rio Aufidius nas suas costas<sup>41</sup>, e outros, defendem que o rio estava do lado esquerdo junto ao flanco da Cavalaria pesada Numídia de Aníbal<sup>42</sup>. As fontes primárias dos historiadores não são explícitas neste aspecto, mas após a análise do terreno, verifica-se que através das diversas fotografias do rio em destaque que existem, demonstram que no local considerado delimitado, onde se deu a batalha, numa fase inicial o rio encontrava-se no lado do flanco esquerdo de Aníbal, contudo após o embate com as tropas romanas, as tropas de Aníbal recuaram, podendo ter levado a que o rio ficasse a sul, nas costas do exército cartaginês, pois o próprio rio faz uma curva acentuada no local. Não querendo entrar em suposições, parece-me viável apoiar-me na teoria defendida pela maioria dos historiadores, na qual o rio se encontra junto ao flanco esquerdo do exército cartaginês.

Deste modo, podemos fazer um relato dos acontecimentos e da manobra da batalha<sup>43</sup>. O exército Romano avançou em direcção aos púnicos, e quando se deu o embate, Aníbal reparou que se mantivesse aquela tática de combate frontal, seria esmagado exactamente pela superioridade de números e fileiras que não dispunha. Apesar disto o combate era favorável à cavalaria de Aníbal, uma vez que já deixavam corpos espalhados pelo chão da cavalaria Romana. Mas o problema estava no centro, e como tal, surgiu a ordem do líder para recuarem ligeiramente, e o dispositivo ficar formado numa espécie de funil. Foi neste contexto que os erros de Varrão levaram ao seu infortúnio. Além das três fileiras que o

---

<sup>41</sup> Dodge, Theodore (2002). *Grandes Generais*, Prefácio, Lisboa, p.48.

<sup>42</sup> De imensos destaque, Goldsworthy, Adrian (2003). *The Complete Roman Army*, Thames & Hudson, London. pp.40-41.

<sup>43</sup> Vidé Anexos J, K e L Figuras 17 a 22.

exército Romano já dispunha na sua tática, o cônsul alterou as suas manipulas, pondo dez homens à frente e dezasseis em profundidade, em vez de manter o que era habitual - os dezasseis homens à frente e os dez homens em profundidade, Varrão acreditava que, se o centro de Aníbal cedesse, o exército cartaginês ficaria dividido em dois e culminava na derrota deste. O que aconteceu foi que, com a atitude do líder Romano, nomeado para aquele dia<sup>44</sup>, os soldados não conseguiam ter liberdade de acção - faltava-lhes o espaço para manobrar dentro do campo de batalha – o que, aliado à tendência das legiões, para no calor da batalha convergirem para o centro. Esta decisão contribuiu para a sua desgraça. O exército, pensando que tinha a batalha ganha, foi surpreendido, quando se apercebeu que estava cercado. Os flancos púnicos tinham fechado as laterais, através da rotação do dispositivo para dentro. Os gauleses e iberos não tinham cedido, e a cavalaria núpida comandada por Asdrúbal tinha fechado o lado norte do dispositivo, executando um ataque torneante<sup>45</sup>. O que se passou a seguir, foi uma autêntica carnificina do exército Romano. O cônsul Emílio Paulo morreu neste cerco, e Terêncio Varrão observou a chacina. Aníbal tinha dividido a sua Cavalaria: Maharbal ficou no terreno; os seus cavaleiros partiram em perseguição dos desertores, assim como de Varrão.

Neste episódio, Roma perdeu o seu cônsul, Emílio Paulo, bem como, cerca de quarenta e cinco mil e quinhentos infantas e dois mil e setecentos cavaleiros. Dezoito mil e setecentos homens foram capturados. Por outro lado, os Cartagineses perderam entre cinco mil e setecentos a oito mil homens<sup>46</sup>, mas isso não era nada, comparado com o desastre Romano.

### 3.3.2. Os Princípios de Aníbal Barca

Neste ponto tentarei identificar os princípios da guerra utilizados por Aníbal na batalha de Canas, de acordo com o actual Regulamento de Campanha e operações 130. Deste modo, e analisando os Factores Humanos, considero que Aníbal teve em si a capacidade nata da Liderança, apoiando-me na seguinte transcrição, "*Nunca houve um espírito mais exercitado para enfrentar oposição, para obedecer ou para comandar. [...] nem os soldados*

---

<sup>44</sup>Os dois cônsules trocavam a liderança do exército romano de dia para dia, ou seja, um dia comandava um, outro dia comandava o outro, e assim sucessivamente.

<sup>45</sup>Conceito actual presente no Regulamento de Campanha e Operações 130.

<sup>46</sup>De imensos destaque, Goldsworthy, Adrian (2003). *The Complete Roman Army*, Thames & Hudson, London. p.41.

*se sentiam tão cheios de confiança e audácia, debaixo do comando de qualquer outro.*<sup>47</sup>, só um grande líder conseguia transmitir a confiança necessária para a fileira constituída pelos gauleses e iberos não cederem, e recuarem só ao seu comando. Aníbal elevou sempre o moral das suas tropas, dando-lhes confiança para acreditarem na vitória, *“Partamos para a acção. Eu prometo-vos a vitória e com a vontade dos deuses, cumprirei esta promessa”*<sup>48</sup>.

O líder púnico teve flexibilidade de pensamento, pois conseguiu contrariar a iniciativa de Varrão, e na hora limite, ordenou aos flancos e à cavalaria que completasse o cerco, impedindo assim que o meio do dispositivo fosse dividido em dois. Aníbal tinha as suas tropas muito bem treinadas, baseadas no modelo macedónio, e isso conferiu-lhes a resistência necessária para aguentarem a superioridade numérica dos romanos.

Outro princípio presente, foi a selecção e manutenção do objectivo. Aníbal queria acima de tudo destruir o exército Romano, sentimento herdado de seu pai Amílcar Barca. Este pensamento leva-nos a um outro princípio - a acção agressiva. A liberdade de acção esteve sempre presente em toda a campanha de Aníbal. Cartago apoiou sempre o púnico.

Só um profundo conhecimento das tácticas Romanas, permitiu a Aníbal concretizar os princípios da economia de forças e massa. Nesta batalha, como se constatou, Aníbal lutou numa proporção de dois para um. A capacidade de projecção de forças foi a grande arma por assim dizer do púnico, dado que, conseguiu mobilizar as forças para as costas do inimigo - princípio da mobilidade.

Reunindo os dois princípios fundamentais, presentes na batalha - a manobra e a surpresa - Aníbal conseguiu num golpe de génio colocar a infantaria africana, até então camuflada no grosso das forças, e a cavalaria nómada, nas costas do inimigo, fazendo com que Varrão julgasse de antemão que a vitória era sua. A situação inverteu-se, ficando todo o exército romano cercado.

As informações foram a grande ajuda de Aníbal, pois sem elas, o general não conseguiria descobrir a tendência das legiões para convergirem para o centro no calor do combate. Contudo o seu plano não obedecia ao princípio da simplicidade, era todo ele complexo e difícil de executar, só uma grande capacidade de liderança e confiança dos homens no seu chefe, permitiram que tal manobra se realizasse.

---

<sup>47</sup> Dodge, Theodore (2002). *Grandes Generais*, Prefácio, Lisboa, p.42 ls.26-33.

<sup>48</sup> Idem p.48 ls.7-9.

Hoje em dia tal não seria possível, “*A rapidez dos acontecimentos e as características da guerra moderna poderão provocar situações complexas, pelo que os planos deverão ser os mais simples e concisos possíveis.*”<sup>49</sup>

O exército Cartaginês não podia deixar que o seu potencial de combate ficasse mais diminuído do que já se encontrava. Para este princípio se manter em toda a batalha tiveram que ser postos em prática a maioria dos princípios da guerra, assim como a flexibilidade que a falange conferia na época. Um dos mais importantes princípios não esteve presente, o Apoio de Serviços. Não pela culpa de Aníbal, mas por força dos acontecimentos passados. Os romanos tinham cortado a via logística de Cartago com Aníbal, logo após a partida deste para a sua campanha. A tomada de Sagunto pelo Cipião cortou todo este apoio de serviços a Aníbal, e este ficou sozinho em Itália, apenas contando com os povos que se tornaram aliados.

Para finalizar, as únicas armas combinadas na batalha, foram a cavalaria e a infantaria.

---

<sup>49</sup> Regulamento de Campanha e Operações 130, Comando de Instrução e Doutrina, Lisboa.

## 4. A Guerra do Golfo

### 4.1. A Disputa dos níveis de Produção de Petróleo

Após quase vinte e três séculos de separação eis que surge a outra vertente deste trabalho, e tal como na batalha de Canas houve antecedentes, que de igual forma, embora numa outra conjuntura se verificaram em 1990 – 1991.

A partir da década de setenta, os combustíveis fósseis adquiriram uma enorme importância estratégica, nomeadamente o petróleo, a presença Americana no enredo marca o fim da Guerra fria com a derrota do bloco socialista, no fim da década de oitenta, os E.U.A. pretenderam exercer o seu poder hegemónico sem limites, assim temos como resultado a guerra do golfo e nos Balcãs. Porém, a situação não assumiria a urgência que é visível nas administrações Bush e Blair e mais discretamente noutras, aparentemente belicistas, se subjacente não estivesse o eminente declínio da capacidade de produção de petróleo a nível mundial.

O Iraque, país liderado pelo Presidente Hussein<sup>50</sup> até 2003, tentou continuamente até esta data, a expansão do domínio regional. No fim da primeira guerra mundial e do colapso do império otomano, a sociedade das nações confiou à Grã-bretanha a administração da Pérsia, da península Arábica e Palestina. Pôde então dividir a província da Mesopotâmia<sup>51</sup> como um reino sob a sua protecção. O novo reino compreendia a província montanhosa de Mo sul, no norte, de população curda, Ada Basra, no sudoeste, de maioria Shiita, e a de Bagdad<sup>52</sup> no centro de influência Sunita. No final da segunda guerra mundial o Iraque estava ainda sob a protecção Britânica. O nacionalismo árabe iria alterar a situação. A monarquia foi derrubada em 1958 e um regime Republicano instaurado. Em 1963 o partido Baath tomou o poder, Saddam Hussein assumiu a presidência do partido e do país em 1979. Em 1980 invadiu o Irão aproveitando-se do facto que este passava por uma situação política deveras revolucionária<sup>53</sup>. Contudo a vitória militar do Iraque não foi possível, por força de números superiores das tropas iranianas colocadas no teatro de operações, fazendo assim recuar a vontade Iraquiana. Mas nem tudo foi mau para Saddam, pois a comunidade Árabe viu no Iraque a força necessária para expulsar o “joio” revolucionário e inconveniente persa, dando-lhes apoio financeiro e tecnológico<sup>54</sup>, para fazer renascer o seu novo exército mais

---

<sup>50</sup> Vidé Anexo L Figura 25.

<sup>51</sup> Onde actualmente está situado o Iraque.

<sup>52</sup> Esta cidade é a antiga Babilónia.

<sup>53</sup> O Irão lutava de igual forma para estabelecer a sua supremacia regional.

<sup>54</sup> Drury, Ian (2000). *História da Guerra*, Times books, London, p.248.

forte. Não obstante a luta do nacionalismo árabe, o reordenamento do médio oriente foi aprofundado mediante a acção, por via diplomática e militar, das antigas potências coloniais e agora pelos E.U.A. criando um quadro político frágil, instável e susceptível de permanente intervenção e intromissão. Foram assim constituídos diversos Estados Feudais árabes como o Kuwait em 1961 e o estado de Israel para acolher o movimento sionista em 1947. Em 1990 sob o estímulo externo o Iraque invade o Kuwait, sobre o mesmo pretexto de domínio regional, alegando uma disputa dos níveis de produção de petróleo. O domínio do Kuwait permitia ao Iraque atingir os seus objectivos, dado que conseguiria controlar as reservas petrolíferas, impondo o preço do petróleo conforme a sua vontade. A comunidade árabe que até então se sentia protegida pela força iraquiana, temeu esta invasão e achou as ambições de Saddam Hussein demasiado gananciosas, lançando um pedido de ajuda externa. Contrariamente ao que o líder iraquiano pensava a comunidade internacional reagiu de forma bastante firme à ofensiva. Foram enviadas para a Arábia Saudita e golfo pérsico forças aliadas, cerca de 750.000 homens, carros blindados, aviões e navios.

É no médio Oriente que se encontram as duas maiores reservas de petróleo<sup>55</sup>, tornando assim o seu controlo, o palco da cobiça mundial, dada a importância deste na vida actual. Este problema não ficou apenas pelo Iraque e Kuwait, mas sim pela intervenção de quase todo o planeta. Pois a questão do petróleo afectava todo o sistema económico mundial<sup>56</sup>. E como consequência eis que surgiu a super potência dos E.U.A. para ter uma presença activa no conflito, alegando a protecção dos seus interesses além fronteiras. O Iraque declarou que a produção dos níveis de petróleo estava excessivamente alta e que a OPEP<sup>57</sup> estava claramente a influenciar negativamente a economia iraquiana, prejudicando assim a possibilidade de se afirmarem como líderes regionais, alegavam ainda que os Kuwaitianos extraíam petróleo dos campos iraquianos na região fronteira de Rumaila. Estavam ainda em jogo antigas questões de limite, como o controlo dos portos de Bubiyan e Narba, que lhe dariam acesso ao golfo pérsico.

Em nove de Janeiro de 1991, em Genebra, reuniu o secretário de Estado norte-americano James Baker e Tareq Aziz, ministro dos negócios estrangeiros do Iraque, para avaliarem a situação e chegar a consenso. A doze de Janeiro, no congresso dos E.U.A., o presidente George Bush foi autorizado a utilizar a força militar contra o Iraque. Caso não

---

<sup>55</sup>Estas duas reservas de petróleo fazem parte das três maiores existentes. A sua extracção permanente, faz com que o combustível fóssil seja economicamente mais barato do que em outras regiões do mundo.

<sup>56</sup>E que ainda hoje é uma das causas principais dos conflitos.

<sup>57</sup>Organização de países exportadores de petróleo.

cumprissem o ultimato, quinze de Janeiro, era a data determinada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para o Iraque retirar as suas tropas do Kuwait. Após ultrapassada esta data, e não havendo qualquer tipo de evolução sobre o problema, os E.U.A juntamente com uma coligação de pelo menos vinte e quatro países<sup>58</sup>, atacou fazendo uso do vector aéreo, a cidade de Bagdade na madrugada do dia dezassete de Janeiro<sup>59</sup>.

A projecção das forças já se fazia desde Agosto de 1990, a ONU já havia autorizado o embargo militar, comercial e financeiro do Iraque, dando para isso, luz verde a um bloqueio naval. Deu-se a operação Escudo do Deserto, cujo objectivo principal residiu na protecção da Arábia Saudita, sobre qualquer agressão pela parte do Iraque, assim como certificarem-se que estavam criadas as condições de projecção de tropas suficientes para lançar uma ofensiva capaz de conquistar o Kuwait das mãos Iraquianas.

Até à data da operação Tempestade no Deserto viveu-se muitos altos e baixos no clima de tensão que se fez sentir, a presença dos média foi sem dúvida algo que marcou esta nova maneira de se fazer a guerra, e os contendores aproveitaram-se disso sempre a seu favor<sup>60</sup>, contudo só em 1991 é que as tropas da coligação tiveram ordem para parar os objectivos do presidente Iraquiano.

#### 4.2. Os intervenientes

Esta Guerra ficou marcada pelos membros da coligação das Nações Unidas contra o Iraque e pelos estados que apoiaram o Iraque. Fazem parte dos membros da coligação: a Argentina, Austrália, Bangladesh, Bélgica, Canadá, Checoslováquia, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Itália, Países Baixos, Nova Zelândia, Níger, Noruega, Omã, Paquistão, Polónia, Roménia, Senegal, Espanha, E.U.A., e Reino Unido. A favor dos ideais Iraquianos estavam os países: Tunísia, Iémen, Argélia, Líbia e Sudão.

---

<sup>58</sup>Drury, Ian (2000). *História da Guerra*, Times books, London, p.248.

Outros autores, referem trinta e nove, os países que integraram na Coligação, fornecendo deste modo meios e forças para o teatro de operações.

<sup>59</sup>Garcia, Joaquim (1991). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa.

<sup>60</sup>Os iraquianos ganhavam tempo, com a guerra psicológica que travavam, fazendo com que a opinião pública ocidental ficasse muitas vezes a seu favor.

As forças da coligação projectaram cerca de 665.000 homens liderados pelo General Norman Schwarzkopf<sup>61</sup> e os Iraquianos tinham no terreno à volta de 350.000 homens, comandados por Saddam Hussein<sup>62</sup>.

### 4.3. Operação Tempestade no Deserto

No dia dezassete de Janeiro de 1991, o presidente Bush anunciou - "*Teve início a libertação do Kuwait [...] Não fracassaremos*"<sup>63</sup>, por conseguinte às 00:50H, hora saudita, descolaram aviões da coligação em direcção ao Kuwait e ao Iraque. A operação Tempestade no Deserto teve início por volta das 02:30H, hora em Bagdad, os bombardeamentos caíram na cidade, nos objectivos seleccionados, e também no Kuwait. O Iraque retaliou com o lançamento de mísseis Scud<sup>64</sup>, dos quais três caíram em Israel e outro foi interceptado por um míssil patriot norte-americano quando ia a caminho da Arábia Saudita. As primeiras vinte e quatro horas do conflito foram marcadas pelas 2500 toneladas de bombas, lançadas pelos aviões da coligação. No dia vinte de Janeiro o Iraque lançou dez mísseis Scud contra a Arábia Saudita, no entanto nenhum deles chegou ao seu destino devido à interceptação feita pelos mísseis Patriot, ainda no mesmo dia. O Golfo Pérsico foi declarado, pelo presidente dos E.U.A., como sendo a zona de combate. O Iraque ao longo da Guerra insistiu no lançamento de mísseis Scud, contudo no dia trinta de Janeiro o General Schwarzkopf declara que as forças da coligação detêm a supremacia aérea, e que a ameaça dos mísseis iraquianos está a ser diminuída.

A quinze de Fevereiro, o presidente Hussein declara estar preparado para retirar as suas tropas do Kuwait. Contudo reivindica que as forças israelitas<sup>65</sup> se devem retirar de todo o território árabe. As forças da coligação deviam ser responsabilizadas pela reconstrução do Iraque, e todas as dívidas que o Iraque tinha deviam ser anuladas. A este discurso o presidente norte-americano responde que as exigências de Hussein só podiam ser alvo de uma brincadeira de mau gosto. O Iraque através do seu embaixador presente na ONU, defendeu a possibilidade de usar armas de destruição maciça, se a coligação continuasse com a campanha aérea. No dia vinte e dois de Fevereiro, os soviéticos apresentaram um

---

<sup>61</sup> Vidé Anexo M Figura 26.

<sup>62</sup> Davis, Paul (1999). *Le Cento Battaglie Che Hanno Cambiato La Storia*, Newton e Compton Editori, p.560.

<sup>63</sup> Cronologia dos acontecimentos passados nas televisões.

<sup>64</sup> Vidé Anexo M Figura 27.

<sup>65</sup> Estado de Israel criado na Palestina em território árabe, na sequência do fim da segunda guerra mundial.

plano de paz ao Iraque, - um cessar-fogo de vinte e um dias, entre os quais, as tropas Iraquianas tinham de se retirar do Kuwait. Ao mesmo tempo as forças da coligação surgiram com um ultimato, no qual Saddam deveria retirar a sua influência física do Kuwait nas vinte e quatro horas seguintes. Esta pressão fez com que o plano de paz inicialmente desenvolvido pelos soviéticos fosse aceite, no entanto a ofensiva terrestre teve lugar no dia vinte e três de Fevereiro, precisamente pelo Iraque não ter respeitado as exigências da coligação.

O mês de Fevereiro ficou marcado pelo incêndio de cerca de mais de quinhentos poços de petróleo no Kuwait, ameaçando a possibilidade de uma catástrofe ambiental no mar do Golfo, além disto, a ofensiva terrestre restituiu à população kuwaitiana o controlo do país. No dia vinte e sete o Iraque concordou com os termos impostos pelos norte-americanos e o cessar-fogo, teve lugar às 08:00H, hora local saudita.

#### 4.3.1. Tática utilizada por Schwarzkopf

Cem horas após o início da ofensiva terrestre<sup>66</sup>, o Iraque rendia-se, a operação Tempestade no Deserto durou cerca de mil e doze horas. De acordo com o Tenente Coronel do exército dos E.U.A. na época Peter Kindsvatter, profundo conhecedor da manobra do VII CE, o ataque principal não durou as cem horas acima descritas. Para ele a ofensiva terrestre não foi da responsabilidade desta unidade, todavia destas cem horas, oitenta e nove pertenceram ao esforço principal da unidade em causa. O ataque principal teve início no dia vinte e quatro de Fevereiro pelas 15:00H e terminou com o cessar-fogo conforme descrito. Os iraquianos foram surpreendidos, pois esperavam que o esforço principal do ataque fosse dirigido para norte contra o Kuwait, mas tal não aconteceu e um duplo envolvimento e movimento torneante surpreendeu as tropas Iraquianas. A isso se deveu a manobra utilizada pelas forças terrestres da coligação – VII CE a quem o General Schwarzkopf atribui a missão do ataque principal.

No dia dezoito de Fevereiro de 1991, o VII CE já estava posicionado para lançar o ataque principal. A sua manobra até esta posição tinha sido encoberta pela decepção aérea e marítima da coligação, dado que o General Schwarzkopf não queria que Saddam soubesse que o XVIII CE e o VII CE tinham executado um movimento de oitocentos e quinhentos km respectivamente para Oeste da posição inicial. Este movimento foi

---

<sup>66</sup> Vidé Anexo N Figura 28.

denominado de “*Hail Mary*”<sup>67</sup>. O dispositivo para lançar o ataque principal estava preparado, e com a vantagem de terem conseguido iludir Saddam no que concerne à disposição das tropas da coligação. Deste modo o dispositivo dos aliados estava organizado de Leste para Oeste, respectivamente: o comando das forças conjuntas do Leste; duas divisões de Marines reforçadas com uma brigada; o comando das forças conjuntas do Norte; o VII CE norte-americano e o XVIII CE aerotransportado norte-americano.

Do outro lado, o dispositivo Iraquiano ainda se baseava na doutrina soviética. Como tal, dispunha as suas tropas ao longo da fronteira Kuwait - Arábia Saudita onde, exercia o seu esforço defensivo principal<sup>68</sup>. Na fronteira entre Iraque e Arábia Saudita a missão foi apenas baseada no grau de resistência vigiar, deste modo a organização estava disposta segundo três linhas, a primeira forte em Infantaria, a segunda constituída como reserva tática, onde se encontravam as forças blindadas e uma terceira linha rica em forças blindadas da Guarda Republicana<sup>69</sup>.

Schwarzkopf decidiu-se por um movimento torneante das tropas iraquianas a Oeste, fazendo deste o seu ataque principal. Contudo o general norte-americano tinha um plano de contingência, no qual a possibilidade do ataque a oeste ter de ser abortado, deste modo ele focalizaria o seu esforço principal nas praias do Kuwait, assaltando com os Marines. Apesar deste plano de apoio, o general teve sucesso na sua primeira opção.

O primeiro dia da ofensiva terrestre ficou marcado com o movimento da sexta divisão de carros de combate “*Daguet*”<sup>70</sup>, para Noroeste estabelecendo um perímetro de segurança, conjuntamente com o XVII CE controlou a auto-estrada que seguia ao longo do rio Eufrates, evitando deste modo o reabastecimento Iraquiano. O sucesso foi tão grande que Schwarzkopf ordenou à vigésima quarta divisão de Infantaria Mecanizada para atacar. Às 15:00H o ataque principal estava a ser lançado pelo VII CE. Ainda no mesmo dia a Este da linha estabelecida pela coligação, as duas divisões de Marines juntamente com o comando das forças conjuntas do leste, também iniciaram um movimento para Nordeste das suas posições iniciais. Deste modo estavam lançados os dois primeiros ataques. De salientar que ao longo da linha estabelecida pelo resto das forças da coligação, se realizavam

---

<sup>67</sup> A “*Hail Mary Play*” é considerada nos E.U.A. como sendo uma jogada fulcral de último segundo para ganhar o jogo, isto no futebol Americano. A manobra realizada pelo VII CE, XVII CE e pela Divisão Blindada Ligeira “*Daguet*”, foi considerada fundamental para o sucesso da missão.

<sup>68</sup> Vidé Anexo O Figura29.

<sup>69</sup> Ribeiro, Carlos (2005). “Análise das duas Guerras do Golfo Pérsico (1991 e 2003), Contributos para a Transformação do Exército Português (1ªParte)”, in vários, Proelium,nº3, p.81.

<sup>70</sup> Divisão Blindada Francesa.

movimentos de decepção de modo a iludir as forças iraquianas, especificamente pela primeira divisão de cavalaria.

No segundo dia da ofensiva, as tropas da coligação continuaram a avançar, a Este junto ao mar do golfo, apenas quinze km separavam a capital Kuwaitiana das forças aliadas. A Oeste o movimento torneante do VII CE continuava, sendo protegido pela vigésima quarta divisão de Infantaria Mecanizada e por uma brigada da Divisão “*Dague*”.

O terceiro dia da ofensiva, trouxe a ordem do presidente Iraquiano para as suas tropas se retirarem do Kuwait, contudo esta ordem foi dada tarde de mais, todas as possíveis vias de retirada do território Kuwaitiano estavam cortadas pelas tropas do XVII CE, pela 101ª Divisão Aeromóvel e pela vigésima quarta divisão de Infantaria Mecanizada. Ao fim do dia o VII CE já tinha destruído três divisões da Guarda Republicana Iraquiana e os Marines já tinham controlado os acessos à capital.

O dia vinte sete culminou com o fim da ofensiva, na qual a exploração do sucesso determinou o resultado. O VII CE e o XVII executaram ataques sincronizados até que a defensiva iraquiana não tivesse mais a possibilidade de se reorganizar. Os Marines e as forças conjuntas do Norte e de Leste acabaram por conquistar a cidade do Kuwait por completo, consolidando as posições.

Com este conflito os E.U.A. afirmaram a sua preponderância à escala mundial e sob diversas formas: ao nível político – diplomático, ao nível militar e a nível tecnológico – mediático. Ao nível militar, os E.U.A. mostraram que têm o melhor em termos de força aérea e navais, em terra quiseram transmitir que têm homens preparados para quaisquer territórios, independentemente das condições meteorológicas e geológicas.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> [www.ciari.org](http://www.ciari.org)

## 5. Os princípios de Aníbal em Tempestade do Deserto

### 5.1. Comparação ao nível da Tática

O General Dwight Eisenhower, comandante da forças aliadas expedicionárias na segunda guerra mundial, afirmou que todo o comandante de forças terrestres procura a batalha de aniquilação<sup>72</sup>, através desta simbólica frase, muitos autores afirmam que o modelo da tática empregue na batalha de Canas é o modelo de aniquilação que perdurou e sobreviveu na tática todos estes anos, sendo o preferido por todos os líderes de combate no solo<sup>73</sup>. Existem muitas diferenças ao nível da tática, muitas delas provocadas pela diferença de números presentes em cada uma das batalhas. Contudo e apesar do hiato temporal, o envolvimento das tropas de Aníbal é semelhante ao movimento efectuado pelas tropas da coligação em Tempestade do Deserto.

Segundo as formas de manobra existentes<sup>74</sup>, parece-me haver uma relação bastante acentuada no que concerne ao envolvimento e ao movimento torneante, presentes nos objectos em estudo<sup>75</sup>. A manobra utilizada na batalha de Canas é um duplo envolvimento das tropas de Aníbal às forças romanas e a relação existente para com a ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto é muito parecida, dado que nesta última, se verificou de igual forma um duplo envolvimento. Apesar disto a manobra do golfo foi em maior escala<sup>76</sup>, isto porque o General Schwarzkopf não só conseguiu atingir a retaguarda das tropas de Saddam, como também penetrou na profundidade da defensiva Iraquiana, executando conjuntamente um movimento torneante. Controlou as principais vias de retirada do país, e cortou o apoio logístico do inimigo. Na antiguidade era impossível sustentar a projecção de forças, e este pormenor é uma das razões, que torna a batalha de Canas uma versão minimizada da ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto, no que concerne ao aspecto do terreno, sendo que os quilómetros pelos quais as tropas da coligação se encontram separados entre si são incomparáveis à diferença de espaço entre as forças de Aníbal.

Um duplo envolvimento presente nos dois casos, não esquecendo que em Canas as alas de Aníbal cercaram o exército Romano de ambos os lados em simultâneo, e no Iraque,

---

<sup>72</sup>[www.afa.org/magazine/June2001/0601airland.asp](http://www.afa.org/magazine/June2001/0601airland.asp)

<sup>73</sup>Segundo diversos autores, o plano Schlieffen desenvolvido pelo próprio General alemão Von Schlieffen, aquando da primeira guerra mundial, foi baseado no modelo da tática utilizada em canas.

<sup>74</sup> *Regulamento de Campanha e Operações 130*, Comando de Instrução e Doutrina, Lisboa.

<sup>75</sup> A batalha de Canas e a ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto.

<sup>76</sup>A “*Hail Mary Play*” proporcionou esta grandiosidade em termos de espaço da área de influência. Reporto-me aos 500 e 800 km que o VII CE e o XVII CE tiveram de executar para Oeste.

a VII CE e o XVII CE executaram o envolvimento a Oeste, e a Este a divisão de Marines, juntamente com o comando das forças conjuntas de Leste.

De salientar a brilhante decepção que Aníbal conseguiu em Canas, uma vez que conseguiu iludir os Romanos do local onde dispunha o grosso das suas forças. Aliado a este golpe de génio, está o movimento “*Hail Mary*”, comandado por Schwarzkopf, que de igual perspicácia consegue iludir Saddam Hussein da localização exacta do grosso das forças da coligação.

Curiosamente em ambas as situações é uma unidade de Cavalaria que executa o envolvimento, isto porque a velocidade é a chave do sucesso. A cavalaria comandada por Maharbal em Canas e o VII CE em Tempestade do Deserto comandado pelo Tenente General Frederick Franks.

### 5.1.1. Inspiração de Schwarzkopf em Aníbal

A Perspectiva da escola militar americana<sup>77</sup>, dá ênfase às grandes batalhas da antiguidade, fazendo delas objecto de estudo. A batalha de Canas é uma de entre muitas estudadas ao pormenor pelos cadetes. Não devemos esquecer que Schwarzkopf frequentou a academia militar norte – americana e sofreu inevitavelmente esta influência histórica. Aliás em entrevista<sup>78</sup> o General afirma ter-se inspirado na batalha de Canas, para vencer as tropas Iraquianas em 1991.

### 5.1.2. Análise Histórica

Segundo Maharbal “ *Na verdade Aníbal, tu sabes como alcançar uma vitória, mas não sabes como usá-la!*”<sup>79</sup>. Aníbal não efectuou a exploração do sucesso, e deste modo, não marchou para Roma<sup>80</sup>. Já em 1991, Schwarzkopf assegurou a sua exploração do sucesso, como consequência o Iraque rendeu-se às evidências. Os E.U.A. confirmaram ainda com mais afinco a sua unicidade no plano hegemónico.

---

<sup>77</sup> Estou a referir-me à Academia Militar de West Point.

<sup>78</sup> “soldiers have so much to learn by studying the ancients” dito por Schwarzkopf in <http://www.bbcprograms.com/pbs/catalog/hannibal/hannibalmain.htm>  
Vide Anexo P.

<sup>79</sup> Dodge, Theodore (2002). *Grandes Generais*, Prefácio – Edição, Lisboa, p.57 l.8.

Segundo alguns autores assim foi o discurso do comandante da Cavalaria Númida para Aníbal.

<sup>80</sup> Outros autores dizem que Aníbal fez bem em não ter ido directo a Roma, pois esta já se preparava para o receber.

Á luz da doutrina de referência actual<sup>81</sup>, efectuo uma comparação utilizando as funções de combate<sup>82</sup>, instrumento que uso para conseguir analisar com mais precisão os dois objectos em estudo, para tal começo por explicar resumidamente no que cada uma consiste:

- Manobra

Esta função de combate incide essencialmente na conjugação de fogo e movimento, perante as prioridades velocidade versus segurança que o comandante pode optar, com vista ao objectivo principal, que remonta na aquisição de uma posição, que confira vantagem para nós, e nítida desvantagem ao inimigo.

- Apoio de Fogos

Tem como objectivos o apoio de operações de combate de nível tático e operacional, através da conjugação de fogos indirectos devidamente sincronizados numa determinada localização geográfica. Os meios utilizados para isso, são aviões, artilharia e navios.

- Informações

As informações são cruciais para ajudar na tomada da decisão do comandante, fornecem dados extremamente úteis no que concerne ao terreno, ao inimigo, aos meios, e condições meteorológicas.

- Mobilidade, Contra Mobilidade e Sobrevivência

Está inteiramente relacionado com a conservação e protecção da força, a Engenharia Militar é na maioria dos casos quem se encarrega desta função.

- Defesa Aérea

O vector aéreo fomentou-se com a primeira Guerra Mundial, como tal surgiram meios para fazer frente aos aviões de reconhecimento e combate, como tal a defesa aérea consiste na protecção do espaço aéreo, removendo assim alguma da liberdade conseguida pelos aviões.

- Apoio de Serviços

Garante a manutenção do potencial de combate de uma força em campanha, através do apoio logístico, concedido através de um plano económico rigoroso da nação.

- Comando e Controlo

A intenção e vontade do comandante transmitido pela sua autoridade aos seus subordinados, revela-se no Comando. O controlo é conseguido por todos os intervenientes que ajudam na tomada de decisão do comandante.

---

<sup>81</sup> A doutrina da Organização do Tratado Atlântico Norte.

Existem grandes semelhanças ao nível da manobra, todavia o cerne das grandes diferenças reside no nível de evolução tecnológica que separa estas duas batalhas de um modo radical. Na manobra é importante referir que as forças de Aníbal, apesar de, na campanha na Itália, defenderem uma atitude ofensiva, na batalha de Canas adoptaram por uma postura defensiva, passando ao contra – ataque na hora exacta. Já na operação tempestade do deserto, não podemos falar em defensiva, mas sim somente numa ofensiva, toda ela feita para expulsar a presença iraquiana do Kuwait.

É importante fazer uma referência ao Apoio de Fogos, que na operação tempestade do deserto teve a importante função de desorganizar a defesa e destruir a artilharia iraquiana. Já em Canas esta função não foi explorada. A função do apoio de Fogos e das comunicações em 1991, explica a grande diferença das dimensões no campo de batalha.

As informações foram fundamentais em ambas as situações, isto porque Aníbal já sabia que os Romanos acreditavam que as batalhas se venciam através da força de números, assim como a tendência das legiões convergirem para o centro no calor do combate, proporcionando assim o seu modelo de aniquilação. No caso da ofensiva terrestre da coligação, esta foi precedida de uma importante campanha de reconhecimentos ao teatro de operações, fornecendo assim informações sobre a linha defensiva que o Iraque montou.

De acordo com a mobilidade, contra mobilidade e sobrevivência, esta aparentemente, é uma função de combate inexistente na batalha de Canas, contudo tendo em consideração o rio Aufidius, um obstáculo natural, não posso deixar de referir que este constituía uma dificuldade para o movimento e conseqüente envolvimento feito pelas tropas cartaginesas, daí haver mais uma possibilidade para o excesso de confiança do cônsul Varrão para atacar e obter a vitória. A mobilidade de Aníbal esteve deveras condicionada, nesta perspectiva. Na operação tempestade do deserto os Iraquianos criaram fossos anti-carro e trincheiras, de maneira a impedirem a progressão das tropas da coligação.

O vector aéreo não esteve presente na batalha de Canas, uma vez que ainda não existia na época, tornando inútil o conceito de defesa aérea neste ponto, porém a presença deste vector na operação tempestade do deserto foi essencial na protecção de países pertencentes à coligação, assim como determinante em toda a ofensiva.

O Apoio de Serviços é uma componente vital na operação tempestade no deserto, estando nos bastidores de toda a guerra, assegurou a manutenção de todo o potencial de combate, assim como a sua reparação e respectivo apoio sanitário. Em Canas Aníbal não teve a mesma sorte, Cartago não conseguiu apoiar o general Cartaginês, a prova disso é que chegou ao confronto sem os Elefantes que o acompanharam ao longo de toda a campanha, assim como o seu potencial de combate já era bastante mais reduzido

comparado com aquele que tinha no início da sua campanha. Na antiguidade era impossível sustentar uma força em campanha como nos dias de hoje é feita. Além disto Aníbal viu o seu canal logístico cortado, aquando da tomada de Sagunto pelos Romanos após a sua partida. De notar que quando falo da batalha de Canas, é preciso ter em conta toda a campanha que já precedia Aníbal desde Sagunto sem qualquer tipo de apoio logístico. Já na operação tempestade do deserto, em todo o tempo real, as tropas da aliança tiveram apoio de serviços, sendo que a ofensiva terrestre em si não demorou mais de cem horas, ora a campanha de Aníbal já durava há dois anos.

Os sistemas de informação e comunicações facilitaram imenso, toda a ofensiva terrestre em 1991, pois sem esta função de combate, toda a operação não seria possível, no que diz respeito à distância que separou as unidades umas das outras. A tecnologia não acompanhou Aníbal em canas, e só uma grande confiança estabelecida entre líder e soldados, permitiu um tal sucesso. Apesar de as tropas de Aníbal estarem perto dele, não significa que estas lhe dessem ouvidos no campo de batalha. Hoje em dia tal é possível porque todos os sistemas de comunicações existentes, facilitam o Comando e controlo de um líder militar. A inexistência de certas funções de combate na batalha de Canas é o reflexo de uma falta de profundidade nestas batalhas da antiguidade que já não se verificam hoje em dia.

## Considerações Finais

Apesar das diferenças sociais, económicas e políticas entre a antiguidade e o final do século XX, parece ser possível, no âmbito da história militar, identificar laços de continuidade da arte militar nas duas épocas em que se inserem os dois objectos em estudo. Por um lado temos a ascensão do império Romano, que a passos largos demonstrava um poder crescente a nível "*mundial*", devido à sua estrutura política, - a mais avançada da época; com um sistema, não totalmente perfeito mas capaz de estabelecer contingências apropriadas a situações - como a pesada derrota que sofreu em Canas, nomeadamente no que respeita ao modelo de mobilização de tropas; perfeitamente capaz de formar uma grande quantidade de soldados em pouco tempo, assim como de os repor, se fosse caso disso.

Face à genialidade de Aníbal, os Romanos não tiveram como o deter, só mais tarde em Zama, Cipião sai vencedor, após anos de aturado estudo do general cartaginês. Mas se por um lado temos uma derrota romana numa batalha, a vitória final das guerras púnicas a eles lhes coube saborear, isto significa que Roma era uma potência cuja hegemonia não foi partilhada com mais ninguém.

Em 1991 num contexto diferente os E.U.A. ao saírem da Guerra fria economicamente fragilizados, entraram numa guerra que territorialmente não lhes pertencia, mas que a nível económico lhes saiu deveras vantajoso, e souberam proteger e salientar o sistema unipolar que já se vinha a acentuar ao longo do tempo. O conflito do Golfo Pérsico é a primeira guerra sobejamente conhecida pela população mundial, pois é a primeira guerra a aparecer nas televisões em directo para o mundo.

Relativamente à tática vista em Canas, comparada com o da ofensiva terrestre da operação Tempestade no Deserto, vemos que a tecnologia é a dimensão que separa fortemente os dois objectos em estudo. Todavia a análise sugere alguns pontos de ligação entre as duas batalhas. O duplo envolvimento das tropas e a manobra de decepção feita em ambos os casos, mas feita de maneiras diferentes, trouxe o sucesso aos generais Aníbal e Schwarzkopf, tornando óbvio o elo de ligação entre os dois objectos.

De referir que enquanto na batalha de Canas existia um obstáculo natural, o rio Aufidius, que concedeu demasiada confiança aos Romanos, no Kuwait as posições Iraquianas nunca esperaram de igual forma que forças da coligação os envolvessem pelo lado Este, no mar do golfo pérsico.

Em ambas as batalhas, aqueles que executaram o envolvimento com grande amplitude e que lhes concedeu a grande vantagem, foram as unidades de manobra, demonstrando que ainda hoje em dia desempenham um papel fundamental, e detêm a velocidade necessária para executar uma acção deste calibre.

Os princípios utilizados por Aníbal na batalha de Canas ainda são actuais? No meu ponto de vista muitos desses princípios são actuais, e conseguem inserir-se em qualquer momento da táctica actual. Mas se Schwarzkopf se inspirou em Aníbal, outros também o fizeram inconscientemente. Em Portugal na batalha da Roliça em dezassete de Agosto de 1808, o general britânico Arthur Wellesley executa com sucesso um duplo envolvimento em paralelo com um ataque central, aos franceses, precisamente no moinho da Roliça de onde saiu vitorioso. O próprio general Von Schlieffen no seu planeamento da invasão a França, com particularidade a Paris, aquando da primeira guerra mundial, tendo sido posto em prática também pelo General Maxime na segunda grande guerra, em que as tropas alemãs envolveram as tropas francesas por norte, atravessando a floresta das Ardenas com a asa direita do seu exército.

Mas para enfatizar esta opinião, ao longo do trabalho procurei estabelecer não só uma relação entre as duas batalhas, mas também uma relação entre os dois objectos tendo em consideração a doutrina actual, provando desta forma, que se no golfo já existiam garantidamente princípios da guerra, e funções de combate, na batalha de Canas isso também se verificou, não obstante não se pode fazer uma comparação *ipsis-verbis*, mas sim com algumas restrições dado o espaço temporal que as separa.

Todos os princípios da guerra que se encontram presentes no RC-130<sup>83</sup>, foram utilizados por Aníbal Barca na sua campanha em Itália, com particularidade na batalha de Canas. As funções de Combate foram igualmente utilizadas, reconhecendo que houve alguns aspectos que não se verificaram, mais uma vez face ao hiato temporal e à evolução das técnicas.

O modelo táctico de aniquilação que todos os grandes comandantes procuram, tal como disse o general Dwight Eisenhower, é o utilizado por Aníbal Barca em Canas. Todavia a arte de iludir o inimigo é sem dúvida um marco que não sofreu alterações ao longo dos tempos, e manobras de decepção, tais como a “*Hail Mary*” usada por Schwarzkopf e o esconder do local onde se encontrava o grosso das forças Cartaginesas por Aníbal, mostram ser determinantes, um sucesso prematuro que leva à vitória. A grande alteração na História

---

<sup>83</sup> *Regulamento de Campanha e Operações 130*, Comando de Instrução e Doutrina, Lisboa.

Militar destas duas batalhas, é a arma de fogo, daí pretendo demonstrar que a decepção criada em ambas as situações são totalmente diferentes, mas tornam o comandante da força, ciente que uma manobra de decepção como as analisadas, são cruciais para o sucesso.

Baseando-me na teoria do general Rupert Smith, a batalha de Canas é um protótipo de uma assimetria negativa, na qual Aníbal sai vencedor. Nestes tempos a força de números representava a assimetria. Em Tempestade do Deserto já não se viu o mesmo, mas sim uma assimetria positiva, uma força como a coligação dotada de todos os meios existentes e da melhor tecnologia, foram capazes de fazer capitular o Iraque momentaneamente.

A exploração do sucesso na ofensiva terrestre da operação Tempestade do Deserto, foi conseguida no momento da acção, pois o Kuwait foi reavido, contudo os objectivos políticos do presidente Bush não foram totalmente conseguidos, isto pelo que a história nos ensina, os Americanos voltaram ao Iraque em 2003. Por este motivo, atrevo-me a dizer que a exploração do sucesso pretendido não foi conseguida. Aníbal não marchou para Roma, a exploração do sucesso da batalha de Canas não foi realizada de igual forma.

Pelo que a História Militar nos ensina, através do exemplo do General Inglês Arthur Wellesley, na batalha da Roliça, o sucesso da sua vitória também não foi explorado. Talvez por carência de Cavalaria para implementar a perseguição; ou por ter resolvido entretanto poupar forças, a fim de apoiar o desembarque dos reforços ingleses numa praia a sul de Peniche... Isto tudo são conjecturas para suportar o meu ponto de vista, entendo não se tratarem de momentos falhados na história, mas sim, as contingências imprevistas, que levam a que se adoptem atitudes, nem sempre compreendidas, e que levam os líderes não explorar o sucesso.

## Bibliografia

Livros:

Bertin, Jacques (1990). *Atlas Histórico “Da Pré-História Aos Nossos Dias”*, Círculo de Leitores, Lisboa

Collins, Harper (2000). *The Times History War*, Times Books

Cornell, Tim (2006). *Atlas of the Roman World*, Angus Books Limited, London

Daly, Gregory (1975). *Cannae: The Experience of Battle in the second Punic War*, Library of Congress Cataloguing in Publication Data

Davis, Paul (1999). *Le Cento Battaglie Che Hanno Cambiato La Storia*, Newton e Compton Editori

Dodge, Theodore (2002). *Grandes Generais*, Prefácio, Lisboa,

Drury, Ian (2000). *História da Guerra*, Times books, London

Duby, Georges (1999). *Grand Atlas Historique*, Larousse, Paris

Duruy, Victor (1883). *Petit Histoire Romaine*, Librairie Hachette, Paris

Garcia, Joaquim (1991). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa

Gilbert, Adrian (2005). *Enciclopédia das Guerras*, “A guerra do mundo antigo”, M. Books do Brasil Editora, Lisboa

Goldsworthy, Adrian (2003). *The Complete Roman Army*, Thames & Hudson, London

Harbottle, Thomas (1971). *Dictionary of Battles*, Rupert Hart-Davis, London

Healey, Mark (1994). *Cannae 216 BC: Hannibal smashes Rome's Army (Campaign)*, Osprey Publishing

Healey, Mark (2000). *The Battle of Cannae: Hannibal Greatest Victory*, Osprey Publishing

Huntington, Samuel (1999). *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Gradiva, Lisboa

Jones, Archer (1997). *The Art Of War in The Western World*, Barnes e Noble Books, New York

Lévêque, Pierre (1979). *História Universal 3*, Publicações Dom Quixote, Lisboa

Matos, Margarida (1993). *História – 10.º Ano – 1.ºVolume*, Texto Editora, Lisboa

Neila, Juan (1992). *Historia Universal, "Da Humanidade Pré-Histórica ao Império Bizantino (Século VII)"*, Grupo Editorial Oceano

Neves, Pedro (1985). *Nova História*, Porto Editora, Lisboa

Neves, Pedro (1993). *Temas de História 10 – 1.ºVolume*, Porto Editora, Lisboa

Newark, Tim (2001). *Turning Tide of War "50 Battles That Changed the Course of Modern History"*

Pijoan, José (1973). *História do Mundo Volume 3*, Publicações Europa – América, Lisboa

Sá, Jorge (1997). *Os Senhores da Guerra*, Bertrand Editora, Lisboa

V. Diakov e S. Kovalev (1976). *História da Antiguidade*, Editorial Estampa, Lisboa

Watson, Bruce (1991). *Military Lessons of the Gulf War*, Greenhill Books

Wells,H. *Historia Universal, "Volume Segundo: Da Ascensão e Queda Do império Romano, até o Renascimento da Civilização Ocidental*, Livros do Brasil, Lisboa

*História universal Volume IV*, Edições Salvat, Lisboa

*Regulamento de Campanha e Operações 130*, Comando de Instrução e Doutrina, Lisboa

Revistas:

Cardoso, Ricardo (2005). “Golfo: Intervenção Norte-Americana”, in vários, *Azimute*, nº179, p.14-15

Kindsvatter, Peter (1992). “Deslocamento e Preparação: A Actuação do VII CEx”, in vários, *Military Review*, 3º.trimestre. Edição Brasileira, p.25-42

Kindsvatter, Peter (1992). “Ofensiva Terrestre: A Actuação do VII CEx”, in vários, *Military Review*, 3º.trimestre. Edição Brasileira, p.58-80

Losada, Juan Carlos (2007).”El fin de Aníbal – Los últimos años del Héroe de Cartago”, in vários, *Historia Y Vida*, nº468, p.50-59

Pires, Lemos (2007). “Líderes de Hoje – Lições das Guerras Púnicas”, in vários, *Azimute*, nº184, p.38-40

Ribeiro, Carlos (2005). “Análise das duas Guerras do Golfo Pérsico (1991 e 2003), Contributos para a Transformação do Exército Português (1ªParte)”, in vários, *Proelium*, nº3, p.55-112

Toomey, Charles Lane (2004). ”XVIII Airborne Corps in Desert Storm: From Planning to victory”, in vários, *Army History*, nº62, p.51-52

Internet:

-<http://www.youtube.com>

-[http://www.kerala.com/wiki-Battle\\_of\\_Cannae](http://www.kerala.com/wiki-Battle_of_Cannae)

-<http://www.bbcprograms.com/pbs/catalog/hannibal/hannibalmain.htm>

-<http://www.achievement.org/autodoc/page/sch0int-2>

-<http://www.bbcactive.com>

-<http://www.apollonia.com.tn/Schwarzkopf.html>

-<http://www-cgsc.army.mil/carl/resources/csi/Swain/swain.asp>

-[http://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_Cannae](http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Cannae)  
-<http://palma1.no.sapo.pt/cartago3.htm>  
-[http://marius.blogs.sapo.pt/arquivo/2005\\_06.html](http://marius.blogs.sapo.pt/arquivo/2005_06.html)  
-[http://www.warfare.it/tattiche/tattica\\_canne.html](http://www.warfare.it/tattiche/tattica_canne.html)  
-<http://webpage.pace.edu/abelardo/Italyweb/ITACultura/Lezione4.html>  
-[http://www.terredelmediterraneo.org/itinerari/canne\\_ofanto.htm](http://www.terredelmediterraneo.org/itinerari/canne_ofanto.htm)  
-<http://www.webalice.it/luigisaso/page23/page28/page28.html>  
-<http://pianodeilimiti.wordpress.com/2007/11/13/battaglia-di-canne-216-ac/>  
-<http://www.battagliadicanne.it>  
- <http://www.roman-empire.net/>  
-[http://www.israeli-weapons.com/history/desert\\_storm/Desert\\_Storm.html](http://www.israeli-weapons.com/history/desert_storm/Desert_Storm.html)  
-<http://www.psywarrior.com/HerbDStorm.html>  
-<http://www.ciari.org>  
-<http://www.afa.org/magazine/June2001/0601airland.asp>

## Anexos



Figura 1: Combatentes “*Hastati*”.

Fonte: <http://www.nadaonline.net/forum/index.php?showtopic=5715>

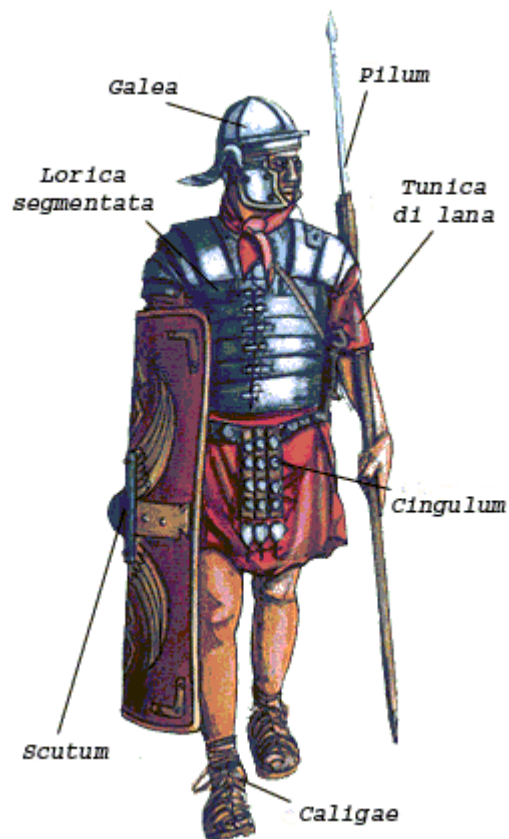


Figura 2: Equipamento de um combatente “*Hastati*”.

Fonte: <http://www.nadaonline.net/forum/index.php?showtopic=5715>



Figura 3: Combatente “*Triarii*”.

Fonte: <http://www.nadaonline.net/forum/index.php?showtopic=5715>



Figura 4: “*Pilum*”, era a arma utilizada pelas Legiões Romanas.

Fonte: <http://www.nadaonline.net/forum/index.php?showtopic=5715>



Figura 5: Cidade de Cartago, com o seu porto pintado, pretendendo demonstrar a enorme capacidade deste povo na actividade do comércio, que era a sua grande fonte de rendimento.

Fonte: <http://webpage.pace.edu/abelardo/Italyweb/ITACultura/Lezione4.html>



## SOLDATI E BATTAGLIE

A cura di M. SALARI - Disegni di G. CAMPILLO

È l'estate del 216 a.C. Da due anni s'è abbattuta su Roma la terribile bufera della seconda guerra punica. Annibale, il grande generale cartaginese, è passato in Italia col suo esercito. Ha sbaragliato i Romani al Ticino, alla Trebbia, al Lago di Trasimeno e il suo nome, con 30.000 fanti, 10.000 cavalieri nel gennaio d'Orlino, lo

spaglia. I Romani, che non hanno più uomo allineato, lo in campo aperto, hanno rivinto di inguanto, con la guerriglia, ma la guerriglia come sempre lo usano, lo usano in dietro. I romani: Escipio Paolo e Terenzio Varrone insieme hanno 45.000 uomini e 6.000 cavalli: tutto in Puglia, a ridosso la battaglia decisiva.

# Canne: la grande tenaglia



Figura 6: Representação do duplo envolvimento feito na Batalha de Canas e a diversidade dos combatentes ao serviço de Cartago liderados por Aníbal.  
Fonte: <http://www.webalice.it/luigisaso/page23/page28/page28.html>



Figura 7: A moeda de troca na época, o "Talento".  
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/?title=Talentos\\_de\\_ouro](http://pt.wikipedia.org/?title=Talentos_de_ouro)



Figura 8: Fotografia das Ruínas de Cartagena, por muitos autores denominada por Nova Cartago, em Espanha.

Fonte: <http://webpage.pace.edu/abelardo/Italyweb/ITACultura/Lezione4.html>



Figura 9: Moeda com o rosto de Asdrúbal.

Fonte: <http://webpage.pace.edu/abelardo/Italyweb/ITACultura/Lezione4.html>



Figura 10: Neste mapa da Península Ibérica referente à época das Guerras Púnicas, é possível ver Nova Cartago, Sagunto e o rio Ebro.  
Fonte: <http://www.geocities.com/Athens/Sparta/9909/spain.html>



Figura 11: Actual Sagunto.  
Fonte: <http://www.mrfs.net/trips/2003/Spain/Sagunto/sagunto.jpg>



Figura 12: Pintura de Aníbal Barca.  
Fonte: <http://www.leader-values.com>

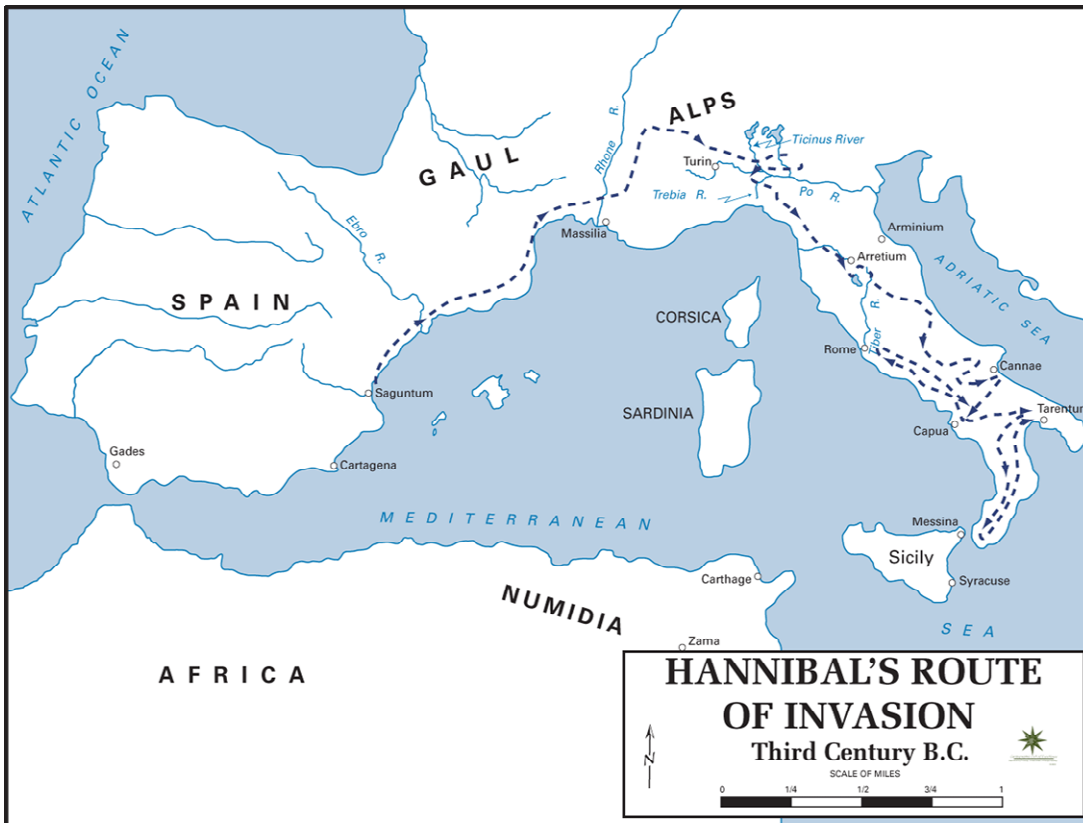


Figura 13: O plano de invasão por terra feito por Amílcar Barca, concretizado pelo seu filho Aníbal Barca, com a rota que o próprio seguiu.  
Fonte: <http://earharthistoryday.org/gan/The%20Romans.html>



Figura 14: Pintura que pretende ilustrar a passagem do exército de Aníbal nos Alpes, com as adversidades, representando uma das causas de morte dos seus elefantes, a queda de precipícios.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Hannibal>



Figura 15: A passagem do exército Cartaginês nos Alpes.

Fonte: <http://earharthistoryday.org/gan/The%20Romans.html>



Figura 16: Fotografia de uma parte do rio Ofanto, perto do local da batalha de Canas antigamente conhecido pelo rio Aufidius.

Fonte: [http://www.minambiente.it/index.php?=&id\\_sezione=2267](http://www.minambiente.it/index.php?=&id_sezione=2267)

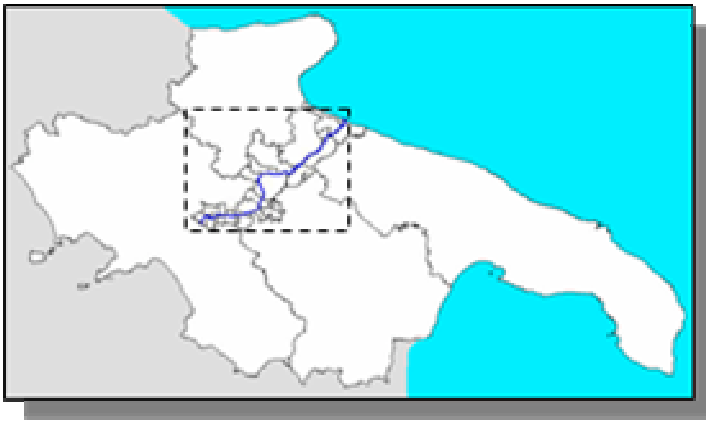


Figura 17: Localização geográfica do local da Batalha de Canas, assim como do rio Ofanto.

Fonte: [http://www.minambiente.it/index.php?=&id\\_sezione=2267](http://www.minambiente.it/index.php?=&id_sezione=2267)

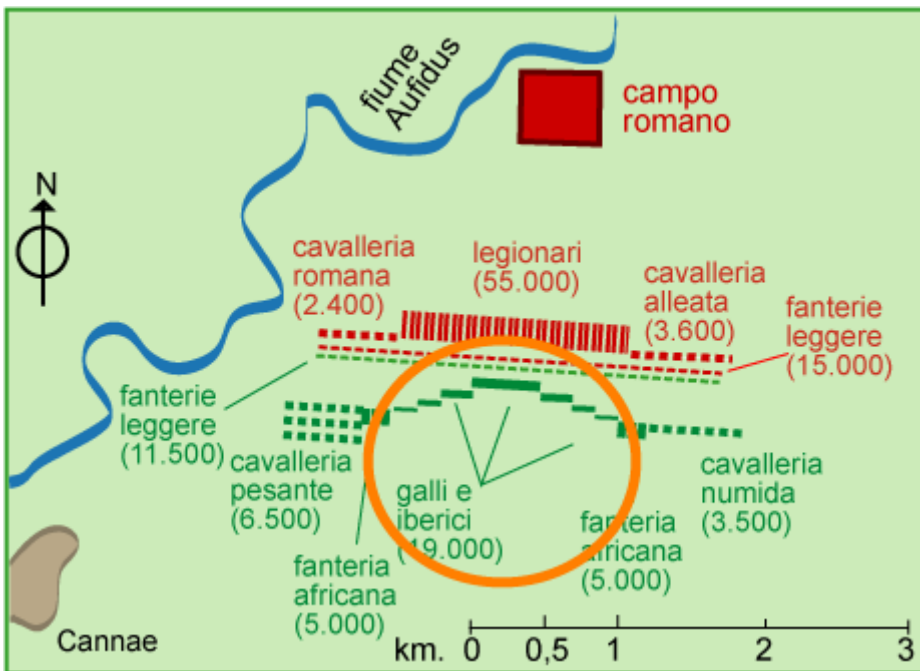


Figura 18: Dispositivo inicial, as tropas Romanas frente às tropas de Aníbal. A vermelho os Romanos, a verde o exército de Aníbal.

Fonte: [http://www.warfare.it/tattiche/tattica\\_canne.html](http://www.warfare.it/tattiche/tattica_canne.html)

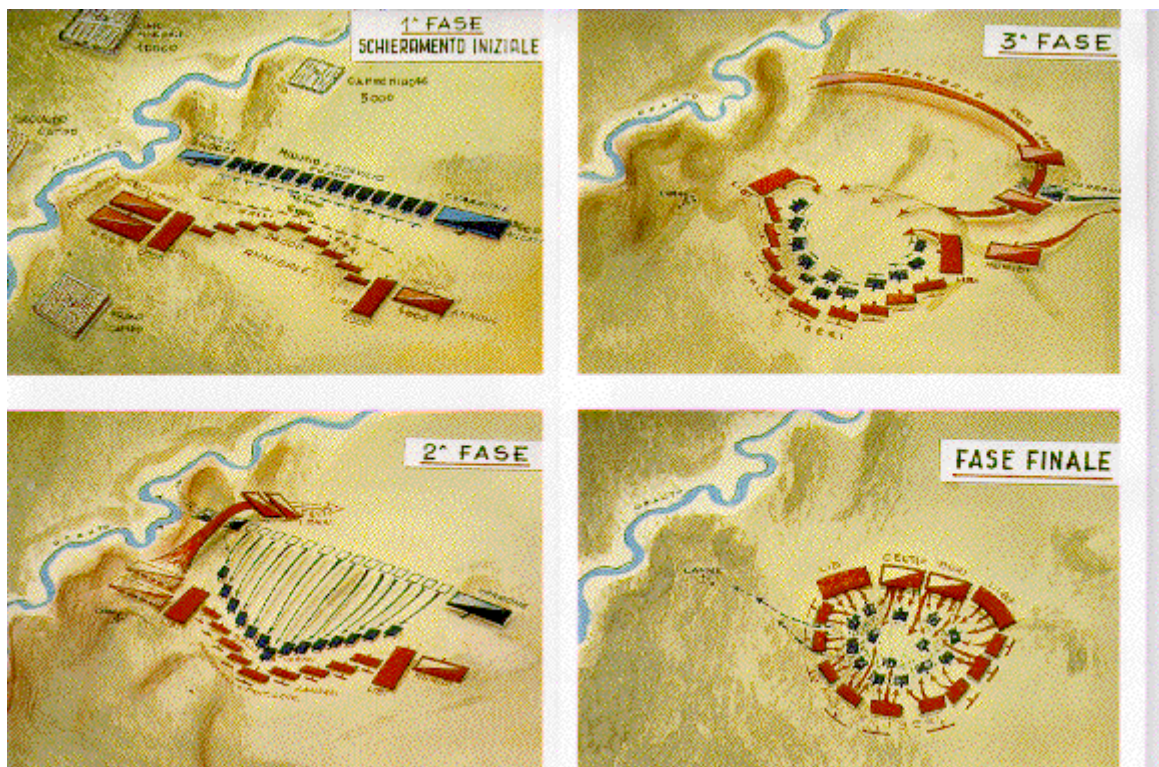


Figura 19: Representação do dispositivo inicial e consequente desenvolvimento táctico da Batalha de Canas.

Fonte: [http://www.barlettacity.it/STORIA/canne\\_della\\_battaglia.htm](http://www.barlettacity.it/STORIA/canne_della_battaglia.htm)

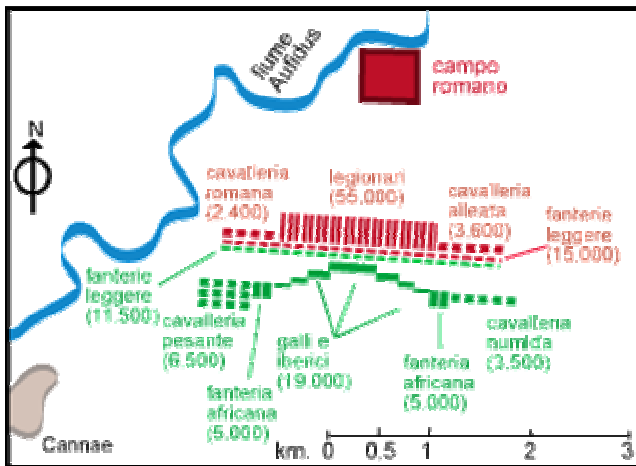


Figura 20: O dispositivo inicial.  
 Fonte: <http://www.warfare.it/tattiche/canne.html>

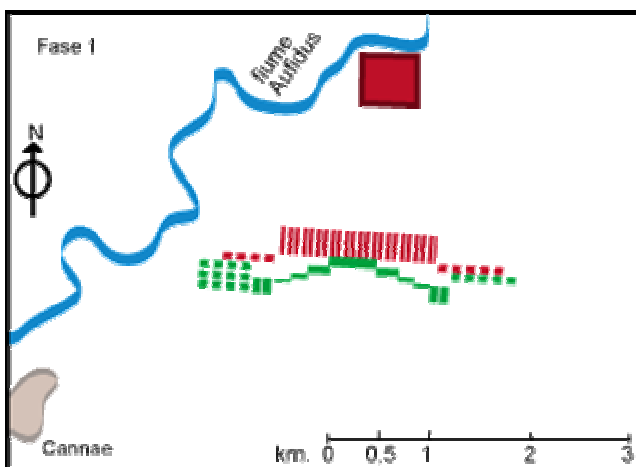


Figura 21: O Contacto entre a arma de cavalaria.  
 Fonte: <http://www.warfare.it/tattiche/canne.html>

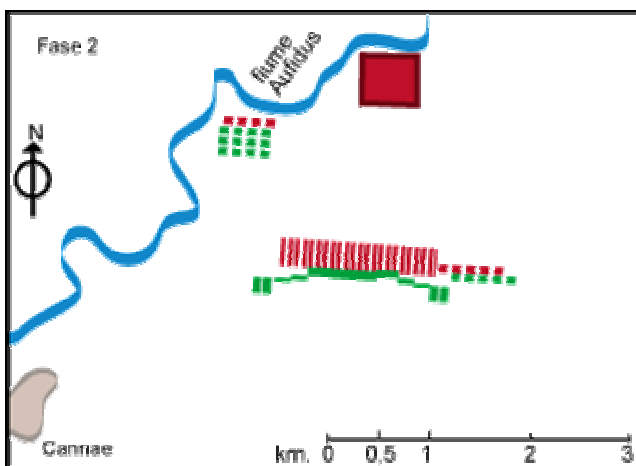


Figura 22: A arma de infantaria entra em contacto seguidamente.  
 Fonte: <http://www.warfare.it/tattiche/canne.html>

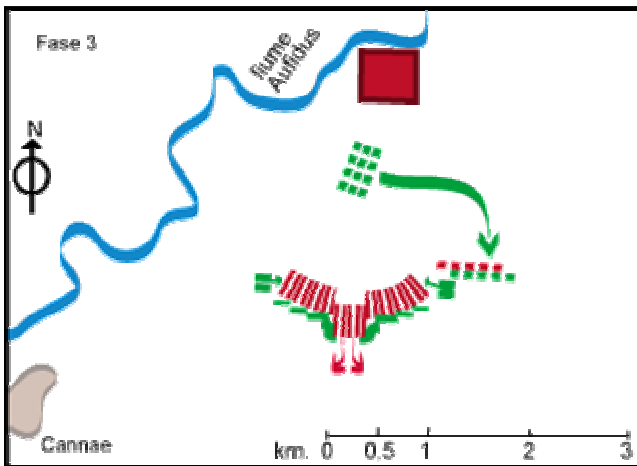


Figura 23: Centro Cartaginês cede à ordem de Aníbal, iludindo os Romanos  
 Fonte: <http://www.warfare.it/tattiche/canne.html>

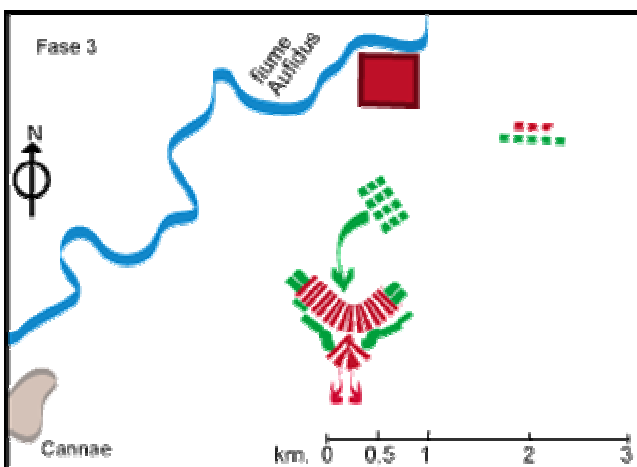


Figura 24: Aníbal ordena o cerco  
 Fonte: <http://www.warfare.it/tattiche/canne.html>



Figura 25: Fotografia do líder Iraquiano Saddam Hussein.  
 Fonte: <http://www.indepthinfo.com/iraq/gifs/saddam.jpg>



Figura 26: General Norman Schwarzkopf líder das tropas da coligação.  
Fonte: <http://www.psywarrior.com/HNormanColor.jpg>



Figura 27: Alcance dos mísseis Scud lançados pelo iraque, assim como os alvos a que se destinaram.

Fonte: <http://www.iraqwatch.org/government/US/Pentagon/fig2.gif>



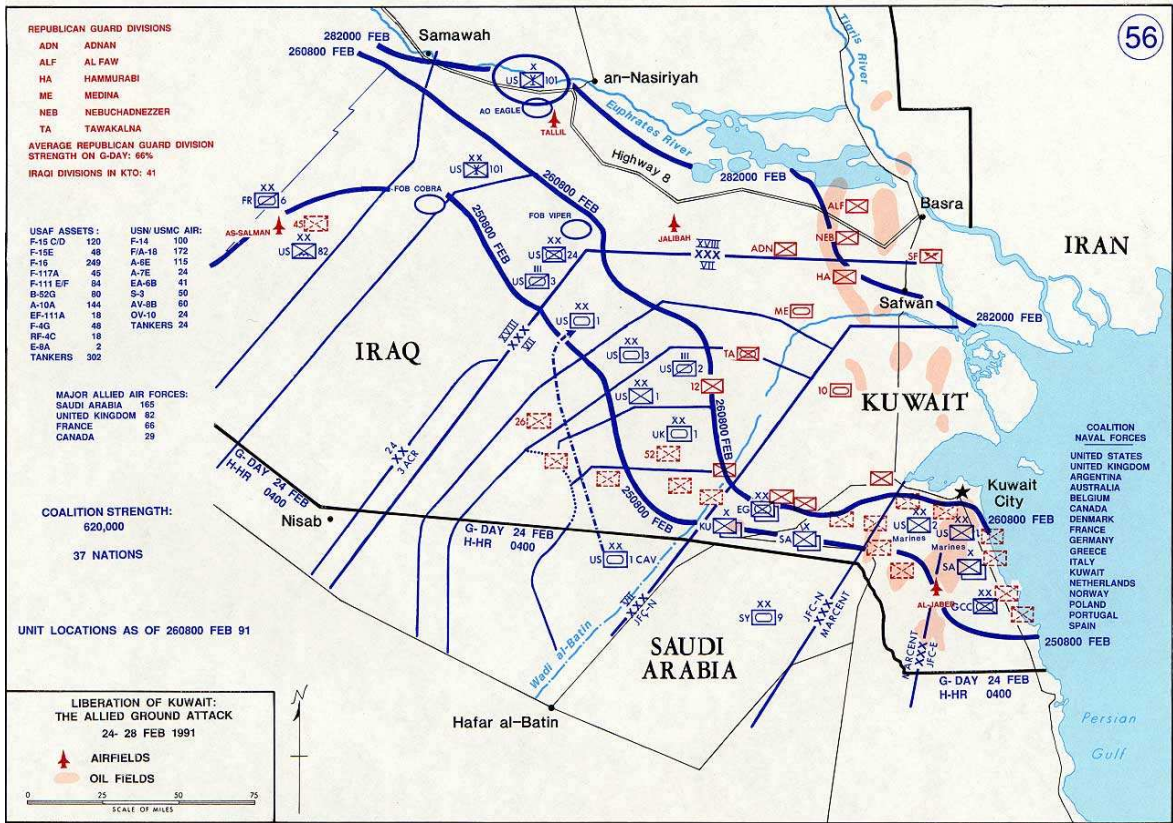


Figura 29: Dispositivo Iraquiano a Vermelho e a Azul as tropas da Coligação.  
 Fonte: <http://www.tim-thompson.com/desert-storm.jpg>

Published: March 28, 1991

Following are excerpts from an interview with Gen. H. Norman Schwarzkopf broadcast last night on the television program "Talking With David Frost," as transcribed by its producers:

Q. How were you consulted about the cease-fire? I mean how did it happen?

A. . . . After the third day, as I say, we knew we had them. I mean we had closed the back door. The bridges across the Tigris and Euphrates were out. We had cut Highway 8 that ran up the Tigris and Euphrates valley on this side of the river. There was no way out for them. I mean, they could go through Basra. There were a few bridges going across Al Fao, to the Al Fao. But there was nothing else and it was literally about to become the battle of Cannae, a battle of annihilation. . . .

I reported that situation to General Powell. And he and I discussed, have we accomplished our military objectives? The campaign objectives. And the answer was yes. . . . The enemy was being kicked out of Kuwait, was going to be gone from Kuwait. We had destroyed the Republican Guard as a militarily effective force.

Q. Had you totally destroyed it? I mean in the sense Egypt and Syria wanted to carry on and destroy it a bit more, didn't they?

A. Well, yeah. I mean it is a question of how do you define the word destroy. The Republican Guard was a militarily ineffective force. And we had inflicted great damage upon them and they had been routed. Now, I obviously -- you know we didn't destroy them to the very last tank. And again, this is a point that I think may be lost on a lot of people. That was a very courageous decision on the part of the President to also stop the offensive. You know, we didn't declare a cease-fire. What we did is, we suspended offensive operations. Frankly, my recommendation had been, you know, continue the march. I mean we had them in a rout and we could have continued to, you know, reap great destruction upon them. We could have completely closed the door and made it in fact a battle of annihilation. And the President, you know, made the decision that, you know, we should stop at a given time, at a given place that did leave some escape routes open for them to get back out and I think it was a very humane decision and a very courageous decision on his part also. Because it's, you know, it's one of those ones that historians are going to second guess, you know, forever. . . .

Q. A very courageous decision, and a very real debate, really, that between, on the one hand, completely dispensing with the Republican Guard so it, could never be used again, as you were recommending, another 24 hours, versus the humanitarian decision. . . .

A. I, I don't think you should put it in the context of Republic Guard because they, remember, were the ones who were mostly to the rear and a lot of them had bugged out already. I mean, they had long since, ah, I think once they discovered that their flank, ah, up Route 8 was blocked and they weren't gonna, I think some of them had long since escaped. Matter of fact, they were north of the river and we probably could have, had we gone on for another 24 hours, we could have inflicted terrible damage on them with air attacks and that sort of thing on the far side of the river. But nowhere near the devastation we were inflicting on . . . the troops on this side of the river.

Fonte:

<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9E0CE0D61631F93BA15750C0A967958260#>